



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE HISTÓRIA

Eduarda Lorencetti Queiroz

**Nacionalismo nos quadrinhos:** uma análise de *Superman: Red Son* (2004)

Florianópolis

2024

Eduarda Lorencetti Queiroz

**Nacionalismo nos quadrinhos: uma análise de *Superman: Red Son* (2004)**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela e Licenciada em História.

Orientadora: Profa Dra Soraia Carolina de Mello

Florianópolis

2024

Queiroz, Eduarda Lorencetti

Nacionalismo nos quadrinhos : uma análise de Superman Red Son (2004) / Eduarda Lorencetti Queiroz ; orientadora, Soraia Carolina de Mello, 2024.

80 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Filosofia e Ciências Humanas, Graduação em História,  
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. História. 2. Guerra Fria. 3. Nacionalismo. 4. Estados Unidos da América. 5. Histórias em Quadrinhos. I. Mello, Soraia Carolina de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em História. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos quatro dias do mês de julho do ano de dois mil e vinte e quatro, às dez horas, na sala dez do Departamento de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora Soraia Carolina de Mello, Orientadora e Presidente, pela Professora Gabriela Miranda Marques, Titular da Banca, e pela Professora Luana Balieiro Cosme, Suplente, designadas pela Portaria nº13/2024/HST/CFH do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirm o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Eduarda Lorencetti Queiroz**, subordinado ao título:” **Nacionalismo nos quadrinhos: uma análise de Superman: Red Son (2004)**”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora Soraia Carolina de Mello a nota final ...8..., da Professora Gabriela Miranda Marques a nota final ...8... e da Professora Luana Balieiro Cosme a nota final ...8...; sendo aprovado(a) com a nota final ...8.... A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital à Coordenadoria do Curso de História até o dia onze de julho de dois mil e vinte e quatro. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 4 de julho de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.a Soraia Carolina de Mello

Soraia Mello.

Prof.a Gabriela Miranda Marques

Gabriela M. Marques.

Prof.a Luana Balieiro Cosme

Luana Balieiro Cosme

Candidata Eduarda Lorencetti Queiroz

Eduarda

Dedico à criança que um dia fui.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à minha família, por todo apoio concedido nestes anos universitários. Agradeço a cada professor que passou pela minha vida estudantil, desde a primeira infância. Por último agradeço a mim mesma, pela persistência.

Revoltemo-nos contra o domínio dessas idéias (Marx; Engels, 2001, p. 3).

## RESUMO

O presente trabalho realiza um exame histórico do discurso nacionalista estadunidense presente na história em quadrinhos “*Superman: Red Son*” (2004), focando nos aspectos anticomunistas desse nacionalismo. Com esse exame é possível compreender como as representações artísticas são influenciadas pelas relações da Guerra Fria e do pós Guerra Fria. Após a análise, em conjunto com a bibliografia de apoio, foi possível estabelecer uma conexão entre a HQ e a globalização pós Guerra Fria.

**Palavras-chave:** Guerra Fria; Nacionalismo; Histórias em Quadrinhos.

## **ABSTRACT**

This work carries out a historical examination of the US nationalist discourse present in the comic book “Superman: Red Son” (2004), focusing on the anti-communist aspects of this nationalism. With this examination it is possible to understand how artistic representations are influenced by Cold War and post-Cold War relations. After the analysis, in conjunction with the supporting bibliography, it was possible to establish a connection between the comic book and post-Cold War globalization.

**Keywords:** Comics; Cold War; Nationalism; Comics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Anúncio do presidente	44
Figura 2 – Preocupação Visão Raio-X	46
Figura 3 – Oficial conversa com Stalin	47
Figura 4 – Stalin	49
Figura 5 – Stalin e Hippolyta	50
Figura 6 – Pyotr bêbado	51
Figura 7 – Pyotr e Super-Homem	52
Figura 8 – No museu soviético	55
Figura 9 – Construção da Utopia	57
Figura 10 – Super-Homem e Mulher Maravilha voando	58
Figura 11 – JFK e Lex Luthor	60
Figura 12 – Helicópteros e pôsteres	62
Figura 13 – Ele está observando você	64
Figura 14 – Super-Homem observando do espaço	65
Figura 15 – Diana e Lois Luthor	67
Figura 16 – Brainiac e Super-Homem	68
Figura 17 – Super-Homem desolado	69

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIA	Central Intelligence Agency
EUA	Estados Unidos da América
FBI	Federal Bureau of Investigation
HQ	História em Quadrinhos
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>EUA: A NAÇÃO</b>	<b>15</b>
2.1	NACIONALISMO	15
2.2	FUNDAÇÃO ATÉ SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	18
2.3	GUERRA FRIA	26
2.4	GLOBALIZAÇÃO	33
<b>3</b>	<b>HISTÓRIA EM QUADRINHOS E INDÚSTRIA CULTURAL</b>	<b>35</b>
3.1	SUPERMAN	39
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DE RED SON</b>	<b>42</b>
4.1	RESULTADOS DA ANÁLISE	70
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>74</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>75</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A fonte que é analisada neste trabalho foi escolhida após eu ter assistido a uma cena da animação que foi lançada, em 2020, com base na História em Quadrinhos “*Superman: Red Son*” (2004). Na cena o Super-Homem matava Stalin; entretanto, após a leitura da HQ, foi notado que isso não ocorria na história original, além de outras diferenças na narrativa. Contudo, a situação continuava sendo impactante, principalmente por mostrar um personagem histórico numa história em quadrinhos.

Inicialmente a ideia era identificar o anticomunismo na fonte, levando em consideração as mensagens anti-soviéticas que a HQ apresenta. Todavia, após a leitura do livro “*Nações e Nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*” de Hobsbawm (1990), ficou perceptível a necessidade de uma abordagem mais abrangente, notando que a propaganda ideológica estadunidense não é apenas contra o comunismo. Ou seja, o que se busca é compreender como se apresenta o nacionalismo em *Superman: Red Son* (2004) e como esse nacionalismo é influenciado pelas relações do pós Guerra Fria.

A partir dessa mudança de perspectiva, fui passando a estudar mais sobre a História dos Estados Unidos, principalmente sobre o Destino Manifesto. Além disso, busquei compreender o funcionamento dos quadrinhos como meio de comunicação de massa e como fonte histórica, já que através dos quadrinhos é possível esboçar o pensamento de determinada época.

Os objetivos desta pesquisa são: a identificação do nacionalismo estadunidense existente na HQ *Superman: Red Son* (2004); elaborar uma breve revisão bibliográfica da História dos Estados Unidos e ampliar os horizontes da pesquisa em história, utilizando histórias em quadrinhos como fonte histórica.

As histórias em quadrinhos como fonte de pesquisa histórica precisam ser examinadas como “documentos políticos, sociais e culturais” (Vazquez; Pires, 2017, p. 138). Ainda segundo Vazquez e Pires (2017, p. 151), é preciso compreender que as imagens estão inseridas numa determinada realidade histórica e têm a capacidade de propagar representações dessa mesma realidade.

Para a análise de uma obra ficcional é necessário fazer a identificação do universo ficcional e dos temas abordados e que se repetem na obra, “bem como os elementos

figurativos e axiológicos presentes nas respectivas redes temáticas destacadas” (Vazquez; Pires, 2017, p. 153). Por isso na análise foram ressaltadas palavras que se repetiam, além de estereótipos.

Alguns aspectos elementares a serem considerados na análise de quadrinhos são: o reconhecimento das temáticas orientadoras das histórias, as tramas e referências discursivas presentes, os personagens, os meios linguísticos utilizados para transmitir significado às histórias e as condições de produção do quadrinho (Vazquez; Pires, 2017, p. 161).

Para ler e interpretar uma HQ, é preciso saber qual a trajetória do seu enredo. Moya *et al.* (1977, p. 238) elencou os pontos principais do enredo no trecho a seguir: “Um argumento para história em quadrinhos contém pelo menos um **problema** a resolver, algum **obstáculo** à solução do **problema**, uma **crise** na tensão dramática e um **apogeu**, ou, seguindo o apogeu, um **desenlace** ou explicação”. Na conclusão esses pontos serão melhor tratados. Entretanto, já fica evidente que o conflito é a base de todos os enredos de HQs, para que esta seja interessante ao leitor.

Além do conflito é necessário que a história em quadrinhos tenha um motivo. “Um motivo para uma história é a ‘moral’ demonstrada por essa história narrada como ficção” (Moya *et al.*, 1977, p. 242). Ainda segundo Moya *et al.* (1977, p. 242) “Nenhum argumento para as histórias em quadrinhos pode ser considerado interessante se não possui um motivo. Geralmente os editôres exigem argumentos deste tipo, pois a criança ou o jovem aprende que a honradez e a verdade sempre vencem através das diferentes histórias” [*sic*]. Assim, fica perceptível a importância da “moral da história” nas HQs, e que, no momento da análise é preciso inferir a moral da história em questão para trazer à luz a mensagem passada explícita ou implicitamente na HQ.

É fundamental para uma análise histórica compreender o contexto no qual o objeto de estudo está inserido. Assim, é possível dizer que “as HQs são manifestações culturais que trazem em seu conteúdo as interferências do contexto histórico em que foram gestadas, logo se encontram envolvidas em embates ideológicos e culturais, e que comportam um sistema de signos que precisa ser analisado em sua materialidade” (Vazquez; Pires, 2017, p. 154). Além de serem produtos culturais, os quadrinhos são “produtores ou vetores de circulação de práticas, ideias e ideologias” (Vazquez; Pires, 2017, p. 155), logo, a leitura de uma HQ requer

a noção de que se está consumindo ideologia, e, no caso da fonte analisada neste trabalho, ideologia dominante.

Sendo assim, as HQs

Nesse caso, figuram não só como fontes importantes e inovadoras para a atividade de escrita da história de um tempo ou uma sociedade, mas também como objetos da análise histórica e são contemplados no interior do conjunto que envolve o contexto de produção, os produtores e os meios de circulação (Vazquez; Pires, 2017, p. 155).

Tais fontes tomam da própria realidade os elementos discursivos que as compõem, capturando “as mudanças e permanências das sociedades” em que foram produzidas, veiculadas e consumidas (Vazquez; Pires, 2017, p. 155).

Vazquez e Pires (2017, p. 156) enfatizam a importância das HQs na indústria do entretenimento, tendo em vista a interferência dessas na opinião pública. É necessário ver as HQs como “registros de época”, pois refletem a realidade em que foram produzidas. Além disso, as HQs “exercem significativa influência comportamental nos seus leitores e se mostraram como meio inovador de comunicação” (Vazquez; Pires, 2017, p. 158). Sendo assim, ao analisar uma HQ, se faz necessário entender qual a mensagem a ser passada, seja ela intencional ou não.

Ainda sobre a mensagem que as HQs passam, é essencial compreender as histórias em quadrinhos como instrumento pedagógico, pois “As histórias em quadrinhos, como eficiente meio de comunicação de massas, participam do processo educativo, até mesmo em plano inconsciente, atingindo especialmente a fase de pré-adolescência pelo mecanismo de identificação projetiva” (Moya *et al.*, 1977, p. 136). Partindo do pressuposto que as histórias em quadrinhos são ao mesmo tempo meios de comunicação de massa e instrumento pedagógico, a análise se volta para os ensinamentos passados através de cada história.

O presente trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro capítulo trata da revisão bibliográfica sobre nacionalismo e sobre a História dos EUA, indo desde a fundação até o final do século 20. O segundo capítulo aborda as histórias em quadrinhos, a indústria cultural e a figura do *Superman*. O último capítulo é a análise da fonte e, em seguida, a conclusão.

A meu ver, as obras de arte (e nisso incluo as HQs) são um importante meio para se avaliar o contexto histórico no qual essas estão inseridas, visto que toda obra de arte é produto

de seu tempo. As histórias em quadrinhos atualmente influenciam grandes obras cinematográficas, além do mercado de brinquedos, vestuário entre outros. Com tanta influência, é importante historiadores e professores de história estarem atentos às mensagens que os quadrinhos passam, especialmente as mensagens que buscam representar determinada época.

## **2EUA: A NAÇÃO**

### 2.1 NACIONALISMO

Segundo Perry (1999, p. 389), os elementos fundamentais do nacionalismo moderno surgiram próximos à Revolução Francesa. O mesmo autor diz que “Tal qual uma religião, o nacionalismo dá ao indivíduo um senso de comunidade e uma causa digna de auto-sacrifício. A identificação com as realizações coletivas da nação exalta os sentimentos de valor pessoal.” (Perry, 1999, p. 388).

De acordo com Hobsbawm (1990, p. 15) a definição mais conhecida de nação é a de Stalin, onde ele diz que “Uma Nação é uma comunidade desenvolvida e estável, com linguagem, território, vida econômica e caracterização psicológica manifestos em uma comunidade cultural”. O autor vê a nação como pertencente a “um período particular e historicamente recente” (Hobsbawm, 1990, p. 19).

Gellner (1983, p. 48-49 *apud* Hobsbawm, 1990, p. 19) traz uma reflexão acerca da invenção da nação

As nações, postas como modos naturais ou divinos de classificar os homens, como destino político ... inerente, são um mito; o nacionalismo, que às vezes toma culturas preexistentes e as transforma em nações, algumas vezes as inventa e frequentemente oblitera as culturas preexistentes: *isto* é uma realidade.

Ou seja, o nacionalismo pega elementos de culturas preexistentes e cria uma nação fundamentada nisso, entretanto esse nacionalismo suprime elementos daquela mesma cultura e de outras que possam existir simultaneamente. Também fica percebido que a nação é uma invenção e não uma ordem natural da vida humana.

Para demonstrar quão recente é a invenção da nação moderna, Hobsbawm (1990, p. 27-31) traz conceitos de dicionários e enciclopédias que traziam a definição de nação e pátria. De acordo com seus estudos, a palavra nação significava em geral “nascimento ou grupo de descendência” (Hobsbawm, 1990, p. 29).

Hobsbawm, ao falar da língua como marcador de nacionalidade, exemplifica falando que “não era o uso nativo da língua francesa que fazia de uma pessoa um francês (...) e sim a disposição de adotar a língua francesa junto com outras coisas como as liberdades, as leis e as características comuns do povo livre da França.” (Hobsbawm, 1990, p. 34). Ele segue explicando que, apesar disso, falar francês era uma das condições para a nacionalidade francesa, e que o mesmo ocorreu nos Estados Unidos, com o inglês.

A língua nacional homogeneiza os habitantes de um Estado, trazendo um sentimento de identificação. “Assim, a educação de massa deve, para propósitos práticos, ser conduzida em uma língua original comum, enquanto a educação para uma elite pequena pode ser conduzida em uma língua incompreensível ou não falada pelo corpo da população” (Hobsbawm, 1990, p. 114). A ascensão dos meios de comunicação de massa intensificou a necessidade de uma “língua comunicativa *falada* de massa” (Hobsbawm, 1990, p. 114).

Ainda falando sobre línguas, Hobsbawm (1990, p. 50) comenta sobre as tentativas de línguas mundiais, explicando que o inglês se tornou uma, mesmo que apenas complementando as línguas nacionais. É relevante se atentar a isso, tendo em vista que este é um trabalho brasileiro sobre uma fonte cultural anglófona.

Outro fator na invenção de uma nação, é a religião, e nos EUA, ela tem um papel central até hoje. A religião não abarca apenas o sobrenatural, divino e fora do alcance humano. “A religião é um antigo e experimentado método de estabelecer uma comunhão, através de uma prática comum e de uma irmandade, entre pessoas que de outro modo não teriam nada em comum.” (Hobsbawm, 1990, p. 83). A religião, quando colocada em favor de ideais nacionalistas, pode ser mais ou menos explícita, a depender dos objetivos de cada líder e da predisposição àquela crença de cada grupo de habitantes do território em questão. A simbologia nacional(ista) utiliza símbolos religiosos, ressignificando-os ou não, a fim de reforçar sentimentos de comunidade (Hobsbawm, 1990, p. 86-87). Além disso o imaginário nacionalista se importa muito com a morte e com a imortalidade, reforçando uma afinidade com a religiosidade (Anderson, 2008, p. 36). Tendo isso em vista, a figura imortal e vinda do céu do Super-Homem torna-se ainda mais relevante no debate sobre nacionalismo.

A religião do Estado seria o patriotismo (Hobsbawm, 1990, p. 106), para que as religiões em si não superassem o poder estatal. O que significa esse patriotismo foram ideias elaboradas pelas classes dominantes de cada Estado que se tornou nação (Hobsbawm, 1990,

p. 109). O patriotismo de guerra, por exemplo, muitas vezes vem disfarçado de defesa, aterrorizando os cidadãos sobre o que é o “estrangeiro”, mostrando que os civis estão também ameaçados (Hobsbawm, 1990, p. 110). Além disso, os períodos de grandes migrações do final do século 19 até o início do século 20 foram decisivos para os Estados reforçarem a ideia de invasão e da necessidade de as pessoas de um determinado lugar se juntarem para se “proteger”, tendo seu ápice na Primeira Guerra Mundial (Hobsbawm, 1990, p. 112).

Hobsbawm (1990, p. 112) diz que “nada estimula melhor o nacionalismo (...) que um conflito internacional” e no subcapítulo sobre os Estados Unidos é visto que a base da história estadunidense é o conflito militar, indicando que no século 20 os EUA esteve envolvido em inúmeros conflitos internacionais.

Os Estados utilizaram os meios de comunicação em massa e a educação primária para difundir a ideia de nação e seus símbolos. Como dito lá no início, foi uma invenção, a ponto de serem inventadas tradições e mitos de fundação (Hobsbawm, 1990, p. 112). A exemplo dos EUA, o mito de fundação exclui os negros e indígenas na construção cultural do país, mostrando novamente que o esquecimento faz parte da consolidação da nação.

Além da religião e da língua, existe um ponto que é crucial para o desenvolvimento de uma nação como tal: o sentimento ou “a consciência de pertencer ou ter pertencido a uma entidade política durável” (Hobsbawm, 1990, p. 88). Isso significa que um Estado unificado propicia melhores condições na construção de uma nação. Os países do Novo Mundo tiveram um empreendimento diferente dos países europeus, e os EUA tiveram diferenças em relação ao resto da América. Nos EUA o sentimento de nação vinha de uma “nova” Inglaterra, melhor do que aquela da qual os colonizadores vieram. Uma “terra prometida”, que tinha a mesma língua e a mesma ascendência de sua metrópole (Anderson, 2008, p. 84), mas que buscava, de acordo com a Declaração de Independência, autonomia econômica e política.

O Estado moderno (contemporâneo) é muito mais qualificado por seu território e pelo governo, tendo em vista que o conceito já está melhor consolidado, em algumas “nações” é possível verificar mais de uma língua oficial, dezenas de etnias e algumas religiões. A partir das revoluções francesas<sup>1</sup> a preferência deste Estado-nação é que seu território fosse contínuo e que sua administração fosse direta, tendo seu conjunto de leis instituído por todo esse

---

<sup>1</sup> Ver Nações e Nacionalismo desde 1780 e Era das Revoluções, os dois de Hobsbawm

território, alcançando todas as classes sociais. Do século 19 em diante tornou-se tarefa quase impossível não entrar em contato com agentes do Estado (Hobsbawm, 1990, p. 101-102).

Cada vez mais o Estado detinha informações sobre cada um dos indivíduos e cidadãos através do instrumento representado por seus censos periódicos regulares (que só se tornaram comuns depois da metade do século XIX), através da educação primária, teoricamente compulsória e através do serviço militar obrigatório, onde existisse (Hobsbawm, 1990, p. 102).

De acordo com o excerto anterior, a educação é fator fundamental na manutenção de um Estado-nação, na difusão da língua nacional (Hobsbawm, 1990, p. 77) e em ritos de juramento à bandeira (Hobsbawm, 1988, p. 156).

Uma característica determinante na nação como tal é a distinção de “nós” *versus* “eles”. O primeiro fator de diferenciação se dá na linguagem, que distingue quem fala uma língua “genuína” dos bárbaros que apenas “profere(m) ruídos incompreensíveis” (Hobsbawm, 1990, p. 68). Outro fator é a etnicidade, que é “muito mais usada para definir ‘o outro’ do que o próprio grupo” (Hobsbawm, 1990, p. 81).

Ernest Renan (1882, p. 7-8, *apud* Hobsbawm, 1990, p. 25) afirma que “L'oubli e je dirai même l'erreur historique, sont un facteur essentiel de la formation d'une nation et c'est ainsi que le progrès des études historiques est souvent pour la nationalité un danger”<sup>2</sup>, deixando claro que um historiador não pode ser um nacionalista, tendo em vista que “historiadores estão profissionalmente obrigados a não compreender a história de modo errado, ou ao menos fazer um esforço” (Hobsbawm, 1990, p. 22).

## 2.2 FUNDAÇÃO ATÉ SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Para começar, é importante debater a visão que o estadunidense tem de si mesmo, com base na obra de Allan Nevins e Henry Steele Commager “Breve História dos Estados Unidos” (1986). Esta obra foi utilizada como exemplo por Junqueira (2001), para demonstrar o pensamento historiográfico estadunidense.

A seguir, reproduzo um trecho do prefácio de Nevins e Commager (1986, p. XVII)

Os Estados Unidos emergiram da obscuridade para a história apenas há cerca de quatro séculos. É a mais nova das grandes nações, mas em muitos aspectos a mais

---

<sup>2</sup>Tradução minha: “O esquecimento, e diria mesmo o erro histórico, são um fator essencial na formação de uma nação e é por isso que o progresso dos estudos históricos é muitas vezes um perigo para a nacionalidade.”

interessante. É interessante porque sua história recapitula a história de seu povo, condensa o desenvolvimento de instituições sociais, econômicas e políticas. É interessante porque nela salientou-se a maioria das grandes forças e fatores históricos que moldaram o mundo moderno: imperialismo, nacionalismo, imigração, industrialização, ciência, religião, democracia e liberdade, e porque o impacto dessas forças na sociedade revela-se com maior clareza em sua história que na de outras nações. É interessante porque, apesar de sua juventude, hoje é a mais antiga república e a mais velha democracia, e vive sob a mais antiga constituição escrita do mundo. É interessante porque, desde o princípio, seu povo tem-se mostrado consciente de seu destino peculiar, porque nele foram depositadas as esperanças e aspirações da raça humana e porque não fracassou na consumação desse destino ou em justificar essas esperanças.

Na primeira frase é possível notar que os autores veem os Estados Unidos como um país iluminado. Eles seguem explicitamente o resto do parágrafo enfatizando que os Estados Unidos são a nação mais interessante. Fica perceptível também o uso da palavra “destino” para qualificar as ações do povo estadunidense. Mais a frente será visto que povo e que destino são esses.

A Guerra dos Sete Anos, 1756-1763, gerou muitos prejuízos à Inglaterra, que decidiu aumentar os impostos das treze colônias (Junqueira, 2001, p. 18). Esse aumento de impostos gerou insatisfação e os colonos decidiram pegar em armas em 1776. Juntos desses colonos estavam aproximadamente cinco mil afrodescendentes, tanto escravizados quanto alforriados. Alguns escravizados lutaram ao lado dos ingleses, acreditando que obteriam a liberdade. Outros simplesmente fugiram no meio da confusão (Junqueira, 2001, p. 19).

Os ideais iluministas influenciaram muito na Guerra de Independência estadunidense mas, segundo Perry (1999, p. 311), “Outro motivo da hostilidade dos colonos à autoridade estabelecida foram suas tradições religiosas, particularmente as dos puritanos, que consideravam a Bíblia infalível e acreditavam que seus ensinamentos eram uma lei superior à lei do Estado”. Isso já mostra o peso da religiosidade na constituição da nação estadunidense

A população que se formava desse novo país era composta por ingleses, irlandeses e escoceses, imigrantes vindos à América por conta das dificuldades econômicas e pela promessa de liberdade religiosa no “Novo Mundo”. Além disso, havia uma população de 323 mil escravizados, sendo que mais de oitenta por cento vivia no Sul, trabalhando nas *plantation* (Junqueira, 2001, p. 20). A escravização africana trouxe diversos conflitos para a sociedade estadunidense, como a Guerra Civil (apesar de não ter sido o único motivo), a luta pelos direitos civis e a desigualdade social existente até hoje.

Para a criação de uma identidade nacional “norte-americana” foram necessários os heróis nacionais, que são vistos como figuras extraordinárias, messiânicas até. Seriam eles os pais fundadores, “homens que fizeram a independência, pensaram a Constituição e se tornaram os seus primeiros presidentes” (Junqueira, 2001, p. 27-28). Essa necessidade de um alguém para guiar a população mostra o caráter messiânico da política estadunidense, assim como irá se mostrar na figura do Super-Homem, que é visto como modelo para o público.

Depois de falar sobre a escultura dos pais fundadores, Junqueira diz:

Assim foram criados os heróis nacionais - uma referência para todos os norte-americanos, os homens que "construíram a nação" eram vistos como uma "espécie de semideuses", como disse o próprio Thomas Jefferson. Esses símbolos e mitos funcionam ideologicamente como um grande guarda-chuva para a população do país, dando-lhes uma identidade e uma “filiação” comuns.

O mito dos pais fundadores serviu a determinados fins, ao longo do tempo. Ajudou a consolidar o projeto dominante (foram escolhidos, como heróis, os protagonistas do projeto vencedor norte-americano); ajudou também a criar uma atmosfera de unidade nacional e a minimizar conflitos existentes na sociedade (Junqueira, 2001, p. 31).

Junqueira (2001, p. 31) começa a abordar a ideia de “Povo Eleito” que os estadunidenses têm de si mesmos. Para trabalhar com a ideia de nação é importante ter em mente um passado em comum. O passado escolhido foi o dos peregrinos e um pouco dos puritanos.

Ao atravessarem o oceano, os peregrinos se comparavam ao povo hebreu atravessando o Mar Vermelho em busca da Terra Prometida; ou seja, eram o povo eleito por Deus, que viria a transformar aquelas terras do Novo Mundo em um lugar onde pudessem exercer a sua fé religiosa (Junqueira, 2001, p. 32).

Em diversos momentos o país que surgia era chamado de “Terra Prometida”, segundo Junqueira (2001, p. 34). A ideia de que esse novo país era uma ruptura histórica e que era um exemplo a ser seguido, já existia antes da Declaração de Independência.

Não resta dúvida de que uma criação como essa - a descendência direta dos peregrinos e a certeza de que deveriam cumprir uma missão providencial - fundava uma unidade, um sentimento de pertencimento nacional, mas também criava uma enorme exclusão social. Nascia a América *Wasp - White, anglo-saxon, protestant* (branca, anglo-saxã e protestante). Forjava-se a imagem de um povo excepcional mas, por outro lado, profundamente excludente (como ficavam, nesse esquema acabado, os católicos, os descendentes de outros imigrantes, os negros, os índios?). (Junqueira, 2001, p. 35)

René Rémond (1989) traz uma breve explicação da Doutrina Monroe, que surgiu nos anos de Presidência de James Monroe (1817-1825)<sup>3</sup>, quando parecia aos Estados Unidos que

---

<sup>3</sup>The White House. James Monroe. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/about-the-white-house/presidents/james-monroe/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

as potências europeias queriam impedir a autonomia dos países da América (Rémond, 1989, p. 38). Assim, Monroe deixava que ao redor dos EUA estivessem nações jovens e fracas, ao invés de grandes potências políticas, econômicas e militares. “Naquela época, os políticos norte-americanos reivindicavam o direito de autodeterminação para a América Latina, mas falavam como se fossem porta-vozes de todo o hemisfério ocidental, em especial pelos latino-americanos” (Junqueira, 2001, p. 99). A Doutrina Monroe permitia que só os EUA tivessem controle sobre os países da América.

Ela segue no capítulo “A Conquista do Oeste: do Atlântico ao Pacífico” falando sobre a expansão territorial para o Oeste, tratando da dizimação da natureza e dos povos originários, além das disputas com os espanhóis. A nação é construída com base no apagamento de outras culturas que não a nacional, os EUA fizeram diversos etnocídios para realizar esse apagamento.

Com a expansão, surge uma nova ideia sobre o “ser norte-americano”. Essa ideia de que o estadunidense era totalmente diferente do europeu fez surgir o termo “Adão norte-americano” (Junqueira, 2001, p. 50), como se fosse o primeiro homem do mundo, vindo sem pecados. As alegorias cristãs são parte fundamental dos Estados Unidos. Vemos mais religiosidade no trecho a seguir:

Na primeira metade do século XIX, fortalecia-se a idéia de que os norte-americanos eram um povo eleito com uma missão a cumprir. E tão forte quanto a idéia de que construíam a História a partir do zero, era a do “Destino Manifesto”, concepção nacionalista que se apoiava na idéia de Direito Natural, concedido pela divina providência àquele país, de tomar para si toda a parte continental da América do Norte (Junqueira, 2001).

O Destino Manifesto é a doutrina que rege as políticas estadunidenses. Se veem como povo prometido, suas terras são sagradas e sua missão é guiar todos os outros povos. O Destino Manifesto é utilizado como justificativa para o imperialismo estadunidense. Segundo Perry (1999, p. 466) “As motivações econômicas do imperialismo são inseparáveis de uma razão profundamente nacionalista: o desejo de conquistar glórias para a nação”.

Os estadunidenses, com base no Destino Manifesto, se viam como superiores às outras culturas. Os direitos de outros povos não eram comparáveis aos dos Estados Unidos. “Os norte-americanos, afirmando-se possuidores de um preeminente valor social, uma missão excelsa, acreditavam estar predestinados a civilizar qualquer território classificado (por eles mesmos!) como bárbaro e inculto” (Junqueira, 2001, p. 51)

Para Junqueira (2001, p. 51), os Estados Unidos são um país que se vê enquanto modelo democrático para as outras sociedades, sociedades estas que não têm o mesmo direito

---

deles de se auto determinarem, já que os EUA seriam o lugar perfeito e universal.

A Guerra Civil ou Guerra de Secessão (1861-1865) dividiu o país em dois<sup>4</sup>. É importante compreender que não era uma luta do “certo contra o errado”, pois, apesar do que parece, não era apenas sobre a manutenção da escravidão e sim sobre regulamentação do comércio e de impostos sobre importação. O Norte vence a guerra e o país passa por um rápido processo de desenvolvimento do comércio, da indústria e dos transportes ferroviários (Junqueira, 2001, p. 93). A própria Guerra Civil trouxe desenvolvimento para as indústrias do Norte, que estavam produzindo insumos para a guerra e tiveram de investir em mecanização. (Junqueira, 2001, p. 95-96). Os monopólios se fortaleceram pois “o conflito favoreceu a concentração de capital” (Junqueira, 2001, p. 96), sendo que a elite capitalista via os negócios como uma guerra em si, onde era preciso eliminar a concorrência. Já nesse momento é possível notar a necessidade da guerra na economia estadunidense.

Em 1876 ocorreu uma exposição nos Estados Unidos para mostrar os avanços tecnológicos nos cem anos de independência. Segundo Junqueira (2001, p. 112), era explícito que, para os estadunidenses, esses avanços foram resultado do trabalho do homem branco, anglo-saxão e protestante. Os negros, indígenas e imigrantes de outros locais (que não a Europa anglo-saxã) não contavam como verdadeiros “norte-americanos”.

Em 1895, os cubanos buscavam independência da Espanha e pediram apoio dos EUA. Os estadunidenses, já com intenções anteriores de anexar a ilha a seu território, enviaram reforços. Os políticos estadunidenses acreditavam que o país deveria ser imperialista assim como os países da Europa o eram, por isso o Caribe se tornou objeto de interesse estadunidense, reavivando o Destino Manifesto para justificar esse imperialismo.

René Rémond (1989) trata desse nascimento do imperialismo estadunidense. No último decênio do século 19

afirmava-se um começo de imperialismo norte-americano, distinto das preocupações de grandeza nacional, que tinham inspirado até então a conduta do país, e singularmente mais ousado. Os homens de negócio americanos começaram a lançar seus olhares para além dos limites do mercado nacional: voltaram suas vistas para os mercados de matérias-primas, cobiçaram mercados para a colocação de seus produtos. Certos grupos de interesses particularmente poderosos e bem organizados exerceram pressão eficaz sobre o Congresso e a Administração para que prevalecesse uma política ativa (RÉMOND, 1989, p. 87).

Theodore Roosevelt foi um coronel que acreditava que a guerra servia para mostrar

---

<sup>4</sup> Por ter uma grande importância, recomendo a leitura do livro “A Guerra Civil dos Estados Unidos”, de Karl Marx e Friedrich Engels (2022), do capítulo 5 “A escravatura e a Guerra de Secessão” do livro “História dos Estados Unidos” (1989) de René Rémond e do capítulo “Guerra Civil” do livro “Estados Unidos: a consolidação da nação” (2001) de Mary Anne Junqueira. A primeira leitura é muito extensa, mas os dois capítulos recomendados são de fácil compreensão.

quais eram as raças superiores e quais eram as inferiores (Junqueira, 2001, p. 106). Roosevelt também afirmou que “qualquer ‘guerra justa’ era capaz de unir o país, promovendo virtudes cívicas entre a mocidade.” (Karnal *et al.*, 2007, p. 166), reforçando o papel da guerra no nacionalismo estadunidense, mesmo a guerra que teoricamente não tinha relação com os EUA inicialmente.

Com Roosevelt na presidência (1901-1909)<sup>5</sup> houve uma retomada da Doutrina Monroe, dessa vez com um adendo do “*Big Stick*”. O “Grande Porrete” era a forma de os civilizados estadunidenses falarem com os bárbaros latino-americanos. Na década de 1920, a política do *Big Stick* resultou em inúmeras intervenções na América Central e no Caribe (Junqueira, 2001, p. 109).

Já vimos que o expansionismo fez parte da política e da cultura norte-americanas desde o período colonial. A intenção de ocupar territórios considerados “vazios”, mas que na verdade eram habitados por culturas diferentes da norte-americana, era pautada na justificativa de que os norte-americanos eram um povo excepcional, uma espécie de povo eleito que tinha o Direito Natural à propriedade da terra. Segundo essa perspectiva, “os enérgicos norte-americanos” apenas “cumpriam um destino já traçado pela Providência”: o de ocupar os territórios além das suas fronteiras e levar a “civilização” (leia-se valores do cristianismo protestante, da economia capitalista, do conhecimento tecnológico e os princípios da democracia) a outros locais (Junqueira, 2001, p. 103).

John Rockefeller, em 1900, refinava 84% do petróleo dos EUA. A Standard Oil (empresa de Rockefeller) é um dos exemplos de monopólios, surgidos após a Guerra Civil, que controlavam a produção dos EUA e também financiavam os partidos, em especial o Republicano. Esses capitães da indústria “Eram também capazes de subornar juízes para favorecerem suas causas, espionar competidores, difamar inimigos e manter o controle sobre opiniões emitidas na imprensa a seu respeito ou sobre suas companhias” (Junqueira, 2001, p. 97). A política dos EUA sofreu e sofre grande influência de entidades privadas.

Homens como Rockefeller eram vistos como “self made man” e serviam como exemplo para a população estadunidense. Contudo, esses homens, como já citado, utilizavam de meio ilícitos, além da pressão política por seus patrocínios aos partidos, para obterem o que desejassem e manterem seus impérios. Essa concentração de poder gerou insatisfação popular, tanto dos trabalhadores quanto dos pequenos empresários e dos consumidores (Junqueira, 2001, p. 98).

As intervenções estadunidenses tinham caráter econômico durante a administração de William Howard Taft (1909-1913), enquanto que com Woodrow Wilson (1913-1921) tinham um caráter de “imperialismo missionário” (Karnal *et al.*, 2007, p. 196). O

---

<sup>5</sup> The White House. **Theodore Roosevelt**. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/about-the-white-house/presidents/theodore-roosevelt/>. Acesso em: 09 maio 2024.

imperialismo estadunidense tem então uma missão civilizatória, já que os anglo-saxões protestantes são considerados superiores, todavia essa crença é também uma justificativa para que os grandes empresários possam dominar outros mercados.

Grande parte da elite e seus defensores intelectuais baseavam-se na doutrina do darwinismo social, segundo a qual o grande poder político e econômico refletia o sucesso natural dos mais aptos da sociedade. O poderoso banqueiro Russell Sage, por exemplo, argumentou num debate público, em 1902, que a sua inteligência superior, honestidade e habilidade para negócios foram responsáveis pela sua enorme fortuna pessoal. Criticar a acumulação de riqueza, de acordo com ele, era “criticar os decretos de justiça”. A exploração extrema da classe trabalhadora – carga horária excessiva com salários muito baixos e péssimas condições de trabalho – era apresentada como um estado natural da sociedade. Segregação formal e informal da população negra e políticas discriminatórias contra a população indígena, latino-americana e imigrante foram justificadas por meio dessa ideologia de superioridade. (Karnal *et al.*, 2007, p. 175)

A democracia no capitalismo acaba sendo contraditória com os ideais de liberdade que os estadunidenses pregavam na fundação da nação. A estratificação social permanece como se fosse parte da natureza de uns estarem nas classes altas e outros nas baixas. Esse pensamento é contrário aos ideais de igualdade social do comunismo, tornando, por consequência, o nacionalismo estadunidense contrário aos ideais comunistas.

O crescimento econômico que os Estados Unidos teve na virada para o século 20 é justificado pelo grande deslocamento de populações que ocorreu no final do século 19. Pessoas que saíram de seus países por questões econômicas ou perseguição religiosa e tornaram-se mão-de-obra barata para um país que estava se tornando uma potência mundial. Em 1890, a maior parte da população urbana era de imigrantes (Karnal *et al.*, 2007, p. 178-179).

Não é à toa que, segundo Hobsbawm (1988, p. 156), desde o final da década de 1880, as escolas estadunidenses começaram a fazer o juramento à bandeira e também tornou-se obrigatório o conhecimento da língua inglesa para ser cidadão “americano” (Hobsbawm, 1988, p. 214). Os Estados Unidos precisavam reforçar sua cultura, com tantos imigrantes surgindo.

Entretanto, apesar do preconceito, poucas leis contra imigração foram criadas depois da proibição de entrada de chineses em 1882. A necessidade de mão-de-obra barata pesou muito mais nos cálculos dos industriais e políticos norte-americanos. Contudo, noções como raça inferior e superior infiltraram-se em muitos aspectos da sociedade e da cultura norte-americana, criando sensíveis distinções socioeconômicas na população do país. (KARNAL *et al.*, 2007, p. 179)

Enquanto nos Estados Unidos começava uma era de prosperidade, na Europa, em 1914 (Hobsbawm, 1995, p. 30) se dava início à Primeira Guerra Mundial<sup>6</sup>. Entretanto, foi

---

<sup>6</sup>Para melhor compreensão da Primeira e da Segunda Guerra Mundial, sugiro as leituras: a parte um “Era da Catástrofe” do livro “Era dos Extremos: O Breve Século XX: 1914-1991” de Hobsbawm (1995), os capítulos “A

apenas em 1917 que os EUA entraram na Grande Guerra, e, segundo Hobsbawm (1995, p. 32), a entrada desta nação foi decisiva, pois os recursos dos EUA eram “praticamente ilimitados” (Hobsbawm, 1995, p. 36). Após o final da Primeira Guerra Mundial e o surgimento da Rússia revolucionária, os vitoriosos tinham como meta se defender contra o bolchevismo (Hobsbawm, 1995, p. 40). Já é possível perceber indícios da Guerra Fria nesse momento.

A década de 1920 marcou nos Estados Unidos um período de realização do *American Way of Life*, com seus valores de “liberdade individual, modernização dos costumes, progresso material, consumismo” (Napolitano, 2020, p. 14). A realidade desses “loucos anos 20” era de trabalhadores buscando melhores condições de trabalho e sendo reprimidos ou mesmo executados (Napolitano, 2020, p. 15). Além disso, o grupo racista Ku Klux Klan (KKK) ganhava cada vez mais poder político no Sul, fazendo linchamentos de afrodescendentes e propagando ódio contra qualquer minoria racial, religiosa ou étnica (Napolitano, 2020, p. 16). Isso mostra as contradições nos ideais de liberdade dos EUA.

No dia 24 de outubro de 1929 ocorreu a quebra da bolsa de valores de Nova York. O motivo principal era o excesso de produção. Os trabalhadores recebiam pouco, fazendo com que não houvesse pessoas financeiramente capazes de comprar os produtos. Empresas faliram e o desemprego saiu de 3,5% para 22% entre 1929 e 1932 (Napolitano, 2020, p. 17). A crise se espalha pelo mundo, por conta da dependência da Europa pós-guerra e da América Latina em relação ao capitalismo estadunidense. O poder dos Estados Unidos já atingia patamares globais, a ponto de ditarem a economia de outros países.

Em 1933, Franklin Delano Roosevelt assumiu a presidência dos Estados Unidos e trouxe consigo o “*New Deal*”, um programa de bem-estar social que defendia a regulamentação da economia pelo Estado. O programa funcionou e a população o reelegeu três vezes. Entretanto, essas medidas não eram bem vistas pelos liberais, que as consideravam “socialistas” (Napolitano, 2020, p. 18-19). É visível que a população dos Estados Unidos sofria com problemas sociais e econômicos, enquanto a elite colocava o lucro acima das possibilidades de melhora de vida.

Apesar de haverem grupos contrários à entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial (inclusive simpatizantes do nazismo), a elite política e a econômica viam uma

---

Grande Guerra” e “A Segunda Guerra Mundial” do livro “História Moderna e Contemporânea” de José Jobson de A. Arruda (1983), o capítulo “O fim do século: ambiente e expectativas” do livro “História Contemporânea: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial” de Luís Edmundo Moraes (2017) e o capítulo “Entre as ruínas, outros homens surgem”: Segunda Guerra Mundial e a reconstrução moral e material do mundo” do livro “História Contemporânea: Vol. 2 - do entreguerras à nova ordem mundial” de Marcos Napolitano (2020).

oportunidade na guerra. Uma nação em expansão e se recuperando de uma crise “não deveria ficar apenas olhando de longe a expansão de outras potências” (Napolitano, 2020, p. 47). Contudo, os EUA só entram de fato na guerra após o ataque japonês a Pearl Harbor, no dia 7 de dezembro de 1941.

As duas guerras mundiais foram momentos onde os Estados Unidos descobriram uma nova forma de lucrar. Hobsbawm (1995) mostra como as guerras foram prejudiciais economicamente aos países beligerantes, menos para os EUA, no trecho a seguir:

Por outro lado, as guerras foram visivelmente boas para a economia dos EUA. Sua taxa de crescimento nas duas guerras foi bastante extraordinária, sobretudo na Segunda Guerra Mundial, quando aumentou mais ou menos 10% ao ano, mais rápido que nunca antes ou depois. Em ambas os EUA se beneficiaram do fato de estarem distantes da luta e serem o principal arsenal de seus aliados, e da capacidade de sua economia de organizar a expansão da produção de modo mais eficiente que qualquer outro. É provável que o efeito econômico mais duradouro das duas guerras tenha sido dar à economia dos EUA uma preponderância global sobre todo o Breve Século XX, o que só começou a desaparecer aos poucos no fim do século (ver o capítulo 9). Em 1914, já eram a maior economia industrial, mas ainda não a dominante. As guerras, que os fortaleceram enquanto enfraqueciam, relativa ou absolutamente, suas concorrentes, transformaram sua situação. (Hobsbawm, 1995, p. 55)

Se as guerras foram boas economicamente para os EUA, por que não manter-se em situações bélicas? Com isso é possível prosseguir na exposição sobre a História dos Estados Unidos, particularmente a questão do conflito indireto entre Estados Unidos e União Soviética.

### 2.3 GUERRA FRIA

A Guerra Fria, chamada por Hobsbawm (1995, p. 224) de Terceira Guerra Mundial, foi um período de disputas políticas, econômicas, tecnológicas e culturais, protagonizado pelos Estados Unidos da América (EUA) e pela extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Quando o Presidente Truman, dos Estados Unidos, determinou o lançamento de bombas atômicas sobre o Japão, que já estava praticamente vencido, tinha acima de tudo uma finalidade política, isto é, exibir aos comunistas o poderio militar norte-americano e assim preservar a hegemonia econômica dos Estados Unidos. (Arruda, 1983)

A Doutrina Truman, lançada em março de 1947, era um plano de contenção contra a União Soviética, que buscava garantir a supremacia militar e econômica estadunidense, liderando os países capitalistas do mundo ocidental (Arruda, 1983, p. 368). A Doutrina era uma autorização que Truman dava às Forças Armadas para intervirem em países sob influência estadunidense, em caso de ameaça à essa influência (Napolitano, 2020, p. 61).

Além disso, havia uma visão de que os Estados Unidos estavam sob ameaça comunista internamente (Limoncic, 2024, p. 40).

O senador republicano McCarthy (1947-1957) nomeou o movimento de “caça às bruxas” que houve nos Estados Unidos na Guerra Fria, por ter perseguido comunistas e suspeitos comunistas. Ele alegava existirem infiltrados em todas as instituições estatais e até mesmo em Hollywood e nas escolas. Contudo, McCarthy não tinha provas de suas acusações (Limoncic, 2024, p. 41). Macartismo acabou se tornando sinônimo de anticomunismo.

O medo da “ameaça vermelha” (*red scare*) tornou-se uma paranoia nos Estados Unidos. Desde 1947 o conservadorismo, representado pela elite política e pela mídia, qualificava os simpatizantes de esquerda como “agentes a serviço de Moscou e de Stalin”. Houve leis ameaçando as liberdades civis e o auge da paranoia foram as denúncias de suspeitos de atividades “antiamericanas”, quando ocorreu um famoso caso de execução de um casal, em 1953. Foi nesse ano que McCarthy presidiu um comitê de segurança interna no Congresso, criado para averiguar supostos antiamericanos (Napolitano, 2020, p. 69). Os antiamericanos eram os comunistas e simpatizantes, levando à compreensão de que o nacionalismo estadunidense se baseava também no anticomunismo.

Os interrogatórios do comitê não tinham como base nenhuma acusação objetiva de desrespeito às leis do país, mas questionavam valores e preferências ideológicas dos indivíduos. A simples suspeita de simpatia pelo comunismo, mesmo que o acusado não fosse condenado e preso, ocasionava a perda do emprego e, em caso de estrangeiro, sua deportação (Napolitano, 2020, p. 69).

Lançado em junho de 1947, num discurso de George Marshall, então secretário de Estado dos EUA, e assinado em abril de 1948, pelo Presidente Truman, o Plano Marshall foi um programa de reabilitação econômica da Europa pós-guerra (Arruda, 1983, p. 369). O Plano buscava uma Europa fortalecida para não afetar o comércio dos Estados Unidos com a Europa e mais tarde serviu como pretexto para a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte, OTAN (Hobsbawm, 1995, p. 238). Assim, os Estados Unidos tinham as antigas potências econômicas em débito.

No dia 04 de abril de 1949, doze países assinaram o Tratado do Atlântico Norte. Os países foram: Bélgica, Canadá, Dinamarca, Estados Unidos da América, França, Holanda, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal e Reino Unido<sup>7</sup>. A Europa estava

---

<sup>7</sup> NATO (org.). **NATO member countries**. Disponível em: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_52044.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_52044.htm). Acesso em: 10 abr. 2024.

suficientemente restabelecida economicamente, mas vivendo à mercê da economia estadunidense; com o tratado, os países europeus garantiam a própria defesa, ao mesmo tempo em que contribuíam para o sistema político-econômico-militar dos Estados Unidos (Arruda, 1983, p. 370).

A Grande Depressão demonstrou que o “*American Way of Life*” não era sustentável globalmente e, por isso, o governo estadunidense precisava impulsionar uma ideologia que garantisse a sobrevivência da cultura capitalista do país. A conhecida bipolaridade da Guerra Fria foi uma construção, onde o governo estadunidense fez crer para o mundo, especialmente o mundo ocidental, que a URSS era uma ameaça militar, política, ideológica e cultural. A segurança nacional, ou seja, o medo de uma ameaça externa, é um forte mobilizador para os setores mais resistentes dos EUA e da Europa (Ryan, 2014, p. 50).

A Doutrina de Segurança Nacional foi outra tese disseminada pelos EUA. Dessa vez, com vistas de atingir também sua zona de influência, a Doutrina dizia que cada país deveria lutar internamente contra o comunismo. “Tratava-se de uma ‘guerra total’ a ser desenvolvida também nos campos econômico, político e cultural. As fronteiras deixavam de ser ‘nacionais’ e passavam a ser ‘ideológicas’. Consequentemente, todos os países anticomunistas deveriam cooperar entre si” (Napolitano, 2020, p. 61).

Era preciso não apenas desenvolver uma propaganda anticomunista eficaz, como também provar que o sistema capitalista de livre mercado e propriedade privada era superior ao sistema comunista e capaz de gerar bem-estar para todos. Com isso, esperava-se que as populações não se deixassem levar pelas promessas de igualdade social feitas por comunistas e simpatizantes (Napolitano, 2020, p. 61).

A propaganda ideológica estadunidense era um dos recursos usados na luta contra o comunismo, junto com a repressão que ocorreu nos mais diversos setores da sociedade. A ideia do “inimigo interno” rondava o imaginário estadunidense, impulsionado pelo macartismo.

Havia muitas contradições entre o que o governo estadunidense propagandeava e o que realmente acontecia, como por exemplo os problemas internos com os direitos civis, as antigas relações com a própria União Soviética e com a Alemanha Nazista (Ryan, 2014, p. 51), além do apoio à existência de colônias europeias (Ryan, 2014, p. 57). Tudo isso era contraditório com os ideais de liberdade e democracia. Para essa nova identidade Ocidental, as narrativas sobre a Guerra Fria começavam com uma URSS expansionista e os EUA estavam apenas respondendo apropriadamente para conter os vilões (Ryan, 2014, p. 51).

Contudo, Stalin não tinha planos de invadir a Europa Ocidental e inclusive queria evitar confrontos com os EUA, adotando uma posição defensiva (Ryan, 2014, p. 54).

Segundo Argemiro Ferreira (1989, p. 29)

O combate ao comunismo era colocado no nível da luta contra o crime, que construíram a imagem respeitada do FBI. A serviço da sociedade, o Bureau dispunha-se a livrar o país das idéias comunistas e de seus simpatizantes, entre eles os chamados inocentes úteis, da mesma forma como combatia conspirações criminosas, o crime organizado, as quadrilhas de traficantes, os mercadores de escravas brancas, as redes lenocínio, etc. Eles podiam estar tanto no coração do governo, a roubar segredos de superarmas, como nos sindicatos, a planejar greves destinadas a sabotar a economia. De acordo com esse raciocínio, toda a vida do país estava sendo também envenenada por tais conspiradores, infiltrados em setores chaves. (Ferreira, 1989)

Neste parágrafo vemos a importância do FBI nessa “caça às bruxas”, marcada por uma maior intensidade no governo do presidente Truman, junto do mandato do senador McCarthy (Ferreira, 1989, p. 27).

Hollywood, a partir de 1947, diminuiu suas produções com qualquer tema social, para focarem em propaganda anticomunista mal feita, que beirava o ridículo (Ferreira, 1989, p. 31-32). As mídias tiveram muita influência no imaginário social sobre os comunistas/soviéticos, inclusive os quadrinhos (Ferreira, 1989, p. 34). Além de estúdios boicotarem atores, roteiristas e diretores,

Em outubro de 1947, dez pessoas ligadas a Hollywood (produtores, diretores e roteiristas) [...] foram convocados pelo Comitê de Atividades Antiamericanas da Câmara. Recusaram-se a responder a perguntas sobre supostas atividades comunistas e, após cumprirem prisão por desacato ao Congresso, foram impedidos de trabalhar pelos grandes estúdios durante anos (Limoncic, 2024, p. 42)

As produções de Hollywood também sofreram nesse processo, existindo uma lista com mais de 300 nomes de atores, roteiristas e diretores, acusados de serem simpatizantes do comunismo (Napolitano, 2020, p. 70). A cultura era objeto de interesse das instituições estadunidenses na luta contra o comunismo.

Segundo Hobsbawm (1995, p. 230), a URSS não representava perigo imediato para países fora do alcance do Exército Vermelho; além disso, os planejadores soviéticos tinham certeza de que o capitalismo se manteria, sob hegemonia estadunidense.

O diplomata estadunidense, George Kennan, via a Rússia como uma sociedade bárbara e atrasada e “O comunismo, claro, em sua opinião tornava a Rússia ainda mais perigosa, reforçando a mais brutal das grandes potências com a mais implacável das

ideologias utópicas, ou seja, de conquista do mundo” (Hobsbawm, 1995, p. 231). Apenas os Estados Unidos seriam capazes de conter a Rússia, comunista ou não.

Em suma, enquanto os EUA se preocupavam com o perigo de uma possível supremacia mundial soviética num dado momento futuro, Moscou se preocupava com a hegemonia de fato dos EUA, então exercida sobre todas as partes do mundo não ocupadas pelo Exército Vermelho. Não seria preciso muito para transformar a exausta e empobrecida URSS numa região cliente da economia americana, mais forte na época que todo o resto do mundo junto. (Hobsbawm, 1995, p. 231).

Com este trecho fica evidente a preocupação estadunidense com ameaças externas que nem sempre eram concretas. Isso reforça como os EUA precisam estar em guerra; os grandes empresários, que financiam os partidos políticos dos EUA, lucram com as guerras, mas para que a população continue financiando (através dos impostos e da mais-valia), é necessário que se coloquem conflitos externos como uma ameaça ao “jeito americano” e até mesmo contra a segurança física dos cidadãos. Além disso, o inimigo interno (comunistas estadunidenses) era mais uma maneira de criar um sentimento de desconfiança entre os cidadãos.

Ainda para Hobsbawm (1995, p. 232), tanto a URSS quanto os EUA representavam cada um uma ideologia, sendo que os estadunidenses acreditavam ser o modelo para o resto do mundo. O mundo estava dividido em dois e parecia não haver alternativas.

Na década de 1950 foi inventado, difundido e popularizado o termo “lavagem cerebral”, por um jornalista ligado à CIA (Andreotti, 2023, p. 83). O medo de que o estilo americano estivesse sob ameaça se espalhou pelos Estados Unidos. Para os estadunidenses, ninguém poderia renunciar aos valores que eles seguiam, a não ser que “estivesse sendo *controlado* ou tivesse sofrido uma *lavagem cerebral*” (Andreotti, 2023, p. 84). O tema lavagem cerebral aparece na fonte estudada, com a visão de que os valores socialistas seriam seguidos majoritariamente ou por pessoas controladas, ou por lavagem cerebral de dissidentes (que já é uma ameaça para quem tentar se rebelar).

Nos Estados Unidos, para ganhar votos no congresso e para as eleições presidenciais e parlamentares, era útil um anticomunismo apocalíptico. Era apropriada para os governos estadunidenses a existência de um inimigo externo. “Se a própria América não estava segura, não havia como recusar as responsabilidades - e recompensas - da liderança mundial” (Hobsbawm, 1995, p. 232).

Mais concretamente, a histeria pública tornava mais fácil para os presidentes obter de cidadãos famosos, por sua ojeriza a pagar impostos, as imensas somas necessárias para a política americana. E o anticomunismo era genuína e visceralmente popular num país construído sobre o individualismo e a empresa privada, e onde a própria nação se definia em termos exclusivamente ideológicos (“americanismo”) que podiam na prática conceituar-se como o pólo oposto ao comunismo (Hobsbawm, 1995, p. 232).

É notável pelo excerto que o anticomunismo é uma das formas de nacionalismo para os Estados Unidos. Como o comunismo se define por ideais sociais e o “americanismo” pelo individualismo, torna-se fácil propagandear que o comunismo é uma literal ameaça ao país. “À medida que é suprimida a exploração de um indivíduo por outro, é suprimida a exploração de uma nação por outra. Com o desaparecimento do antagonismo das classes no interior da nação, desaparecerá também a hostilidade entre as nações” (Marx; Engels, 2011, p. 86). Isso mostra que além de oposto ao americanismo, o comunismo se opõe ao nacionalismo como perpetuador de diferenciações negativas entre as pessoas. Entretanto, o nacionalismo se tornou uma força que atingiu também os movimentos socialistas, conforme Hobsbawm (1977, p. 13 *apud* Anderson, 2008, p. 28): “os movimentos e estados marxistas têm mostrado a tendência de se tornarem nacionais não só na forma, mas também no conteúdo, ou seja, nacionalistas”. Isso comprova que o nacionalismo é um movimento que influencia outros movimentos, sejam da ordem econômica, política, social ou cultural.

Para Hobsbawm (1995, p. 234), o tom apocalíptico da Guerra Fria surgiu nos Estados Unidos, e não na União Soviética. As nações ocidentais eram todas anticomunistas no que tange seus governos, entretanto, só nos EUA um presidente era eleito para combater o comunismo, mesmo o comunismo sendo insignificante internamente no país. O que estava em jogo não era uma possível mundialização comunista, mas sim a manutenção da supremacia estadunidense.

Como resposta à intervenção estadunidense na Guerra da Coreia (1950-1953), os soviéticos organizaram o Conselho Mundial da Paz, uma associação internacional de intelectuais e artistas críticos do imperialismo e do capitalismo (Napolitano, 2020, p. 68).

Em 1950, em Berlim Ocidental foi fundado o Congresso pela Liberdade da Cultura (CLC), que agregou centenas de artistas e intelectuais anticomunistas ou mesmo esquerdistas críticos ao stalinismo e que esteve ativo em 35 países. Nesse caso, o tema era mais a “liberdade de expressão” do que a “paz”. Em resposta à censura e ao controle partidário dos debates e da produção cultural e artística pelos partidos comunistas no poder em vários países, o CLC pretendia promover a liberdade de pensamento, de debate e de criação como um valor do mundo ocidental. Em 1966, surgiu um escândalo: o jornal *The New York Times* revelou que as atividades do CLC eram financiadas secretamente pela CIA, a agência de espionagem norte-americana, também envolvida em assassinatos e golpes de Estado. (Napolitano, 2020, p. 68-69)

Com esse trecho é possível ver a atuação direta da CIA em questões políticas e culturais, como forma de propagandear contra o comunismo e a favor da democracia liberal. E a propaganda anticomunista, como dito anteriormente, é em essência uma propaganda nacionalista nos Estados Unidos. Como Napolitano diz, a agência também esteve envolvida em golpes de Estado. É importante lembrar que o governo estadunidense (e suas instituições) é financiado historicamente por grandes empresários, que têm interesses privados.

As questões internas dos EUA são também palcos de conflitos. “Segregação formal e informal, linchamento e violência policial, discriminação no emprego, na educação e nos serviços públicos, falta de direitos políticos, pobreza extrema - tudo isso caracterizava a vida dos negros nos EUA depois da Segunda Guerra Mundial” (Karnal *et al*, 2007, p. 243). Surge nas décadas de 1950 e 1960 o movimento pelos direitos civis. Esse movimento foi duramente reprimido, legalmente (pelas forças policiais) e com apoio das populações brancas conservadoras (Karnal *et al*, 2007, p. 245).

A Guerra da Coreia (1950-1953), a Guerra do Vietnã (1965-1975) e a Guerra do Afeganistão (1979-1988) foram três guerras por procuração nas quais os EUA se envolveram diretamente, sendo que oficialmente a URSS só se envolveu diretamente na última (Hobsbawm, 1995, p. 234). A Guerra do Vietnã desmoralizou os EUA (Hobsbawm, 1995, p. 241), além de ter sido gatilho para manifestações anti guerra, encabeçadas pelos jovens contra o recrutamento compulsório (Hobsbawm, 1995, p. 235).

Na década de 1980 os EUA tinham uma dívida de 3 bilhões de dólares e destinavam “7% do titânico PIB americano (...) às despesas de guerra” (Hobsbawm, 1995, p. 247). E foi também na década de 1980, com Reagan (1981-1989), que houve uma “virada neoliberal” no país, com o objetivo de combater a crise econômica (Limonic, 2024, p. 73). Em julho de 1981, “o Congresso aprovou um corte de US\$ 38,2 bilhões em programas sociais” (Limonic, 2024, p. 75). Esses dados explicitam o contraste entre os gastos com a população e os gastos com guerras, mostrando a que os líderes estadunidenses dão relevância.

Apesar do discurso neoliberal de Reagan, o Estado não se retirou da economia ao longo de sua presidência. Para derrotar a União Soviética na Guerra Fria, Reagan não só manteve, como também ampliou gastos militares, que chegaram a 6,81% em 1982, os mais altos desde 1971, quando os Estados Unidos estavam envolvidos na Guerra do Vietnã. Ao longo da década, gastos militares giravam na casa dos 6%, os mais altos em tempos de paz. Por isso os críticos de Reagan o acusavam de praticar um keynesianismo militar: cortes em políticas sociais, gastos nos complexos industrial-militar e aeroespacial. Um dos seus programas mais polêmicos, nesse

sentido, foi a Iniciativa de Defesa Estratégica (SDI, na sigla em inglês), de 1983. Desenhada para interceptar mísseis nucleares soviéticos em pleno voo, a Iniciativa previa bases militares no espaço e, por isso, ficou conhecida como “Guerra nas Estrelas”. Peças de ficção científica para muitos, os programas de defesa contra mísseis intercontinentais custaram 60 bilhões de dólares entre 1983 e 1999, com poucos avanços significativos (Limoncic, 2024, p. 76).

Os gastos com essa iniciativa poderiam ter sido usados nos programas sociais que tiveram o corte orçamentário.

Com o fim da União Soviética, os EUA viam-se diante do obstáculo que era a manutenção da construção de uma ordem internacional que os mantivesse “no centro político, econômico, cultural e militar do mundo” (Limoncic, 2024, p. 144).

Clinton continuou a política de Ronald Reagan de imprensar, não mais a União Soviética, mas a Rússia. Com a queda da URSS, em 1991, o Pacto de Varsóvia também deixou de existir, mas a Otan, pelo contrário, não só foi mantida como ampliada, de modo a incorporar antigos membros da aliança militar soviética, como a Polônia, a Hungria e a República Tcheca (parte da antiga Tchecoslováquia). Para a Rússia, a expansão da Otan para as suas franjas sinalizou que ela não era bem-vinda à ordem internacional que o Ocidente procurava construir, Estados Unidos à frente (Limoncic, 2024, p. 145).

Para o governo estadunidense não é possível haver competição entre os EUA e outras nações; os EUA devem dominar o mundo em todos os aspectos: econômico, cultural e militar. E no final do século 20 foi o que aconteceu; os EUA tornaram-se a última das grandes potências (Hobsbawm, 1995, p. 538).

## 2.4 GLOBALIZAÇÃO

Após o fim da União Soviética, a economia neoliberal estadunidense adquiriu escala global. “Tomando-se a perspectiva global implícita no modelo de liberalismo econômico, as desigualdades de desenvolvimento são irrelevantes, a menos que se possa demonstrar que produzem resultados globalmente mais negativos que positivos” (Hobsbawm, 1995, p. 551). Assim, se forma uma divisão internacional do trabalho, onde certos países são exportadores de insumos (*commodities*) e outros são exportadores de tecnologias e produtos industriais.

A globalização avançou em quase todos os aspectos - econômico, tecnológico, cultural, até lingüístico, menos um: do ponto de vista político e militar, os Estados territoriais continuam a ser as únicas autoridades efetivas. Existem oficialmente cerca de duzentos países, mas na prática apenas um punhado deles pesa na balança, e há um, os Estados Unidos, que é esmagadoramente mais poderoso do que os demais. Contudo, nunca nenhum país ou império foi grande, rico ou poderoso o bastante para manter a hegemonia sobre o mundo político e muito menos para estabelecer a supremacia política e militar sobre todo o planeta. O mundo é demasiado grande, complexo e plural. Não existe nenhuma probabilidade de que os Estados Unidos, ou qualquer outra potência singular, possam estabelecer um controle duradouro, mesmo que o desejassem (Hobsbawm, 2007, p. 28-27).

Com isso fica claro que os EUA estão na liderança desse mundo globalizado, mas não têm um controle total do mundo. As nações menos desenvolvidas vão sendo “engolidas” pelas desenvolvidas, tendo que submeter os aspectos citados anteriormente - economia, tecnologia, cultura, língua - aos interesses das nações desenvolvidas, em especial dos EUA.

A globalização tem um aspecto político, na medida em que forças externas (em geral dos EUA) atuam para levar os ideais de democracia liberal para outras nações. Contudo, nem sempre esses ideais são bem aceitos fora do Ocidente (Hobsbawm, 2007, p. 116-117).

O fator mais importante, que explica “a crença, ilusória e perigosa, de que sua propagação [da democracia] por parte de exércitos estrangeiros é factível”, é que

Os Estados Unidos mantêm-se prontos, com a necessária combinação de megalomania e messianismo derivada das suas origens revolucionárias. Hoje, eles são inexpugnáveis em sua supremacia tecnomilitar, estão convencidos da superioridade do seu sistema social e, desde 1989, carentes de uma percepção concreta-que nunca faltou nem mesmo aos grandes impérios conquistadores - de que seu poder material tem limites (Hobsbawm, 2007, p. 117).

Ou seja, os Estados Unidos, apesar de não ter um controle total do planeta, busca refazer o mundo a sua imagem e semelhança, utilizando todos os seus recursos, que advém do trabalho das classes populares (impostos e mais-valia). Além do mais, nessa empreitada, não são respeitados os desejos das populações subjugadas pelas forças armadas estadunidenses. Hobsbawm enfatiza o perigo dessa megalomania e desse messianismo impregnados na sociedade estadunidense desde sua fundação.

Diante do ataque às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, se inicia uma nova era de “guerra ao terror”, encabeçada pelos EUA. Mais uma vez os Estados Unidos está envolvido em um conflito de escala internacional, com a justificativa de haver uma ameaça à Segurança Nacional.

A política atual dos Estados Unidos tenta reviver os terrores apocalípticos da Guerra Fria, quando já não lhe é plausível inventar "inimigos" para legitimar a expansão e o emprego do seu poder global. Repito aqui que os perigos da "guerra contra o terror" não provêm dos homens-bombas muçulmanos (Hobsbawm, 2007, p. 136).

A produção de armamento nos Estados Unidos, desde a Segunda Guerra Mundial, tem sido extraordinária e sem comparações com outros períodos e lugares (Hobsbawm, 2007, p. 156). Isso mostra que os Estados Unidos têm uma economia, ao menos parcialmente, baseada em conflitos e guerras, estando os EUA envolvidos direta ou indiretamente nesses.

Hobsbawm (2007, p. 159) enfatiza as pretensões militares dos EUA: “É claro que os americanos, teoricamente, não querem ocupar o mundo inteiro. O que eles querem é ir à guerra, colocar governos amigos no poder e voltar para casa”, mostrando que nenhum país está seguro se for contra as políticas estadunidenses (especialmente no quesito econômico).

### **3 HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E INDÚSTRIA CULTURAL**

As Histórias em Quadrinhos têm uma longa trajetória, que data desde o fim do século 19, com *The Yellow Kid* (Moya, [1987], p. 23). Nos Estados Unidos, chamadas de “comics”, por seu conteúdo inicialmente humorístico (Bibe-Luyten, 1987, p. 10) estas histórias por muito tempo foram voltadas ao público infantil, sendo que os artistas/autores não eram permitidos fugir dos padrões comerciais desta forma de narrativa (Danner; Mazur, 2014, p. 11).

Segundo Moya ([1987], p. 152-153), em seu livro “História das Histórias em Quadrinhos”:

Os quadrinhos, tal como os conhecemos hoje, começaram nos Estados Unidos em 1895, nos suplementos dominicais coloridos, usando a dimensão total do jornal (standard) ou em tablôides, passando em 1907 a sair também diariamente em tiras, em preto e branco. Somente em 1933-34 surgiram os comic-books em tamanho meio-tablóide, com histórias completas.

É importante ser esclarecido que existem várias vertentes quanto às origens dos quadrinhos, e este trabalho é específico sobre quadrinhos de super-heróis estadunidenses. Vale ressaltar que os quadrinhos são um produto da Indústria Cultural, por serem objetos artísticos veiculados em forma de meio de comunicação de massa.

Para Bibe-Luyten (1987, p. 26), a explicação para o sucesso das HQs se deve ao fato de que no período de quebra da bolsa de valores de Nova York (1929), o gênero “Aventura” estava sendo difundido nos quadrinhos. As aventuras eram e são formas de escapismo da realidade, por meio de uma realidade paralela, onde coisas melhores estão acontecendo. A Indústria Cultural é a indústria da diversão e “a diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio. Ela é procurada por quem quer escapar ao processo de trabalho mecanizado, para se pôr de novo em condições de enfrentá-lo” (Adorno; Horkheimer, 1985,

p. 128). O esforço intelectual é evitado a fim de não aborrecer o público, que está em busca de descanso do trabalho.

As histórias em quadrinhos podem ser divididas em Eras. Elas ajudam a delimitar períodos de tempo e suas particularidades.

A “era de ouro” iniciada em 1938 com o aparecimento de Superman, leva esse nome pois foi a época que os quadrinhos do gênero atingiram vendas astronômicas, encerrando-se em 1954, com a crise dos quadrinhos associados ao aumento da delinqüência juvenil, como veremos adiante. A “era de prata”, que se iniciou em 1956, foi marcada com a reformulação das HQs de super-heróis, além da implantação de um código de censura. Esta fase se encerra em meados da década de 1970, existindo algumas discordâncias entre qual seria o marco da mudança para a “era de bronze”, que ocorre devido a uma crise no mercado editorial no gênero de super-heróis, tal como ocorreu ao fim da segunda guerra mundial, com o fechamento de diversas editoras e uma queda nas vendas e se estenderá até o final dos anos 1980 (Kraakhecke, 2009. p. 54).

Segundo Moya (1977, p. 65) “O Super-Homem foi a gênese de uma série interminável de super-heróis”. Bibe-Luyten (1987, p. 33) comenta o surgimento do Super-Homem como um sucesso da Segunda Guerra Mundial (1939-1945); ela enfatiza “Quando os EUA entraram na guerra com soldados e armas, os quadrinhos já estavam lutando e falando pelos baldezinhas, divulgando suas mensagens de propaganda ideológica” (Bibe-Luyten, 1987, p. 33).

Will Eisner, um dos maiores artistas de quadrinhos (Moya *et al.*, 1977, p. 67), serviu na Segunda Guerra Mundial e “Produziu folhetos com informações úteis para os soldados: como evitar que o carro derrapasse na neve, como dirigir tanques, como fazer medicamentos de emergência, usando em tudo sua técnica de desenhar e escrever **comics**” (Moya *et al.*, 1977, p. 70). Os quadrinhos tiveram importância na guerra, até mesmo na hora de difundir informações relevantes para os soldados.

Bibe-Luyten (1987, 35-36) explica que a Segunda Guerra Mundial nos mostrou como os quadrinhos poderiam ser bons veículos de propaganda ideológica, no caso específico da Segunda Guerra, o antinazismo. Ela reforça que os heróis eram exemplos que passavam a ser detentores da verdade para os leitores. Quando a guerra acabou, os quadrinhos decaíram; faltava papel, o conteúdo empobreceu e começaram campanhas contra os quadrinhos (Bibe-Luyten, 1987, p. 36).

Em 1954, a indústria norte-americana de revistas em quadrinhos instituiu seu organismo de autorregulação, o Comics Code Authority, como uma resposta ao “pânico” antiquadrinhos provocado pelo autor de *Seduction of the Innocent* (A sedução dos inocentes), dr. Fredric Wertham, e por audiências no Congresso sobre a delinquência juvenil. A autocensura restritiva do Código, juntamente com a crescente popularidade da televisão, levou a uma crise na indústria de quadrinhos norte-americana (Danner; Mazur, 2014, p. 14).

O trecho anterior mostra um dos marcos do início da Era de Prata dos quadrinhos. Além disso, em 1956, os super-heróis da DC foram remodelados, tratando mais de temas de ficção científica, por conta da era atômica (Danner; Mazur, 2014, p. 14).

Na década de 1960, principalmente no final, os quadrinhos responderam à Revolução Cultural e voltaram essa nova forma de arte para um público mais adulto (Danner; Mazur, 2014, p. 14). É nesse contexto que surge o movimento *underground* das HQs (Bibe-Luyten, 1987, p. 50). O sucesso dos quadrinhos *underground* durou até 1973, com a quantidade de quadrinhos reduzindo ao longo dos anos seguintes (Danner; Mazur, 2014, p. 40).

Em 1985 a *DC Comics* lançou a “Crise nas Infinitas Terras”.

Depois de anos de histórias contínuas, o universo DC ficou repleto de contradições internas - por exemplo, alguns personagens envelheceram, enquanto outros mantiveram uma juventude perpétua. Pior ainda, as origens de Super-Homem e Batman foram recontadas várias vezes ao longo dos anos, com detalhes e reviravoltas diferentes cada vez (Danner; Mazur, 2014, p. 173).

Até então, a explicação para essas contradições era a existência de múltiplos universos.

Depois da publicação das histórias em quadrinhos “O Cavaleiro das Trevas” (1986) e “*Watchmen*” (1987), o enredo das HQs tornou-se mais violento e sombrio, tendo um público cada vez mais adulto. “Os anos 1990 viram os super-heróis explorando as profundezas de sua nova estética “cruel e ousada”” (Danner; Mazur, 2014, p. 215). Esse período (1986-1994) conhecido como Era de Ferro<sup>8</sup> foi o momento de produção da HQ *Superman: Red Son* (2004).

Além do contexto histórico, é importante compreender que as histórias em quadrinhos são “um produto típico da cultura de massas, ou especificamente da cultura jornalística” (Moya *et al.*, 1977, p. 108). Vale ressaltar que os quadrinhos têm uma visão maniqueísta de mundo, dividindo os personagens em “bons” e “maus” (Moya *et al.*, 1977, p. 133). A complexidade de personagens toma o lugar do maniqueísmo em quadrinhos

---

<sup>8</sup>MARANGONI, Adriano. **A História das Histórias em Quadrinhos: a era de ferro.** Disponível em: <https://quadrinheiros.com/2018/04/05/a-historia-das-historias-em-quadrinhos-a-era-de-ferro/>. Acesso em: 29 maio 2024.

*underground* e na Era de Ferro, mas após esse período e fora do escopo *underground*, vemos que “em meados dos anos 90 tanta brutalidade não parecia ser mais tão interessante. Uma certa nostalgia de quando os heróis *eram realmente heróis* parecia afetar os leitores” (Marangoni, 2018) o que levou a um novo período nos quadrinhos, chamado de “Renascença” (1994-).

Para compreender a Indústria Cultural é necessário entender que esta só pode existir numa lógica pós Revolução Industrial, do século 18 (Netto, 1981, p. 10). Apesar de a imprensa marcar o surgimento dos meios de comunicação de massa, a cultura de massa passou a existir, segundo Netto (1981, p. 8-9), com os romances de folhetim, que eram publicados em jornais. Esse surgimento da cultura de massa se situa por volta da segunda metade do século 19, na Europa (Netto, 1981, p. 9).

De acordo com Netto (1981, p. 11), na sociedade capitalista liberal “tudo se transforma em coisa, inclusive o homem”, além disso, essa pessoa coisificada só pode ser alienada, incapaz de questionar o que consome, sendo a cultura apenas mais um produto.

O rótulo de cultura de massa para as histórias em quadrinhos pode se encaixar quando se fala de *Batman* e Pato Donald, segundo Netto (1981, p. 15-16), mas nem todos classificariam assim para todas as HQs. O Super-Homem se constitui como produto da cultura de massa uma vez que suas histórias são repetitivas e infundáveis.

A cultura de massa é alienante e a Indústria Cultural, quando diverte o indivíduo, está “mascarando realidades intoleráveis e fornecendo ocasiões de fuga da realidade” (Netto, 1981, p. 24). A Indústria Cultural, ao reforçar as normas sociais, promove o conformismo social; também ela “simplifica ao máximo seus produtos, de modo a obter uma atitude sempre passiva do consumidor” (Netto, 1981, p. 26). Além disso, na Indústria Cultural a arte se torna previsível (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 117-118) fazendo com que, por exemplo, o consumidor já saiba o que vai acontecer no final de uma determinada história em quadrinhos desde o início, quem será recompensado e quem será punido, o que explica em parte o maniqueísmo dos quadrinhos.

A capacidade de ver sentido nas coisas e a capacidade de buscar as causas para elas, tornou-se uma habilidade reduzida a uma elite (Netto, 1981, p. 71). Apesar da existência dos ícones na Indústria Cultural, eles são colocados em retalhos, de maneira desconexa, impedindo o indivíduo de ter uma visão totalizante de si, alienando-o. Esse procedimento

indicial se dá através da multiplicação de trechos de informações, ao invés de informações completas. “E essas ‘informações’ não revelam aquilo que lhes está por trás mas servem exatamente para ocultar o que representam” (Netto, 1981, p. 73-74).

### 3.1 SUPERMAN

Nas trinta primeiras páginas do livro *Superman: The Complete History: The Life and Times of the Man of Steel* (Daniels, 1998), que celebra os sessenta anos do surgimento do Homem de Aço, são expostas as tentativas de lançar um *Superman*. Por aproximadamente quatro anos essas tentativas falharam, até que, em junho de 1938, é lançada a *Action Comics* #1, que obteve o devido sucesso do herói que conhecemos até hoje (Daniels, 1998, p. 31).

Os criadores do Super-Homem, Jerry Siegel e Joe Shuster, se preocupavam com problemas sociais e colocavam isso nas histórias, enquanto o Super-Homem em si simplesmente era “muito sério quanto a ajudar pessoas em apuros” (Daniels, 1998, p. 35), o alter-ego do Super-Homem, Clark Kent, era uma representação dos próprios criadores, que se viam como parte da população pobre e trabalhadora (Daniels, 1998, p. 35). O nome alienígena do Super-Homem é Kal-L e seu pai se chama Jor-L. Esses nomes com a terminação “L”, que na fala soa como “él”, lembram os nomes de anjos bíblicos, como Gabriel, Miguel, etc. Inicialmente, o nome da mãe adotiva de Kal-L era Mary (Maria), o nome da mãe de Jesus. Depois os pais adotivos passam a se chamar Martha e Jonathan Kent (Daniels, 1998, p. 44). O messianismo judaico-cristão do Super-Homem pode ser visto em seus sacrifícios para salvar a humanidade e na sua constante luta contra o mal (Andreotti, 2023, p. 65). Tanto Jesus quanto Super-Homem vêm do céu para salvar a humanidade, vivem com uma família adotiva simples até se revelarem para o mundo e ambos vencem a morte.

Os criadores do Super-Homem eram adolescentes durante os primeiros esboços de criação do personagem e, segundo Dooley e Engle (1987, p. 30), eram tímidos com as garotas, por isso inventaram alguém (Clark Kent) que também era tímido, mas colocaram nele poderes e atividades secretas. O personagem era uma forma de os dois jovens se sentirem melhores consigo mesmos.

O principal inimigo do Super-Homem, Lex Luthor, aparece pela primeira vez em 1940 e em geral seus ideais eram de dominação mundial (Daniels, 1998, p. 66). Já por volta de 1941, a consciência social do Super-Homem diminuiu, possivelmente por resultado de uma política editorial da DC (Daniels, 1998, p. 63). Enquanto o Super-Homem se tornava cada vez

mais parecido com um deus, ele se afastava dos problemas mundanos. Se na década após a Grande Depressão o público aceitava um herói que tratava de problemas sociais, após a Segunda Guerra Mundial, o público buscava um escape, longe da pobreza dos anos 1930 e da guerra na Europa (Dooley; Engle, 1987, p. 52).

Em 1940 foi publicada uma história intitulada “Como o *Superman* acabaria com a Guerra”, na qual Hitler e Stalin são capturados pelo Super-Homem e julgados pela Liga das Nações; “ambos são condenados pelo ‘maior crime da História moderna’ que seria a ‘agressão não provocada contra países indefesos’” (Andreotti, 2023, p. 61-62). Apesar de posteriormente nas histórias, após a URSS declarar guerra à Alemanha, não aparecerem menções de Stalin como inimigo (até o fim da guerra), nessa história é possível observar uma das primeiras manifestações de comparação entre nazifascismo e stalinismo nos quadrinhos. Na HQ *Superman: Red Son* é notável a ênfase dada na existência única de um socialismo totalitário (como se fosse um sistema fadado a isso).

Durante a Segunda Guerra Mundial, a pedido do presidente Roosevelt, as histórias do Super-Homem passaram a mostrá-lo lutando contra os nazistas (Moya *et al.*, 1977, p. 63). Isso fez com que o Ministro da Propaganda Nazista, Joseph Goebbels, acusasse o Super-Homem de judeu (Dooley; Engle, 1987, p. 32). O que não deixa de ser verdade, já que seus criadores eram judeus. (Dooley; Engle, 1987, p. 19).

Conforme a inevitabilidade da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial se aproximava, e após a sua concretização em dezembro de 1941, os temas dessas histórias começaram a mudar e o personagem passou a mostrar, além de um defensor da classe proletária, também um patriota. A partir daquele ano, outro tema passa a ser recorrente nas histórias do Superman: a existência de conspirações de nações estrangeiras que tentam destruir a democracia e/ou a economia dos Estados Unidos (Andreotti, 2023, p. 63)

Na Segunda Guerra Mundial todos os quadrinhos passaram a fazer parte da propaganda de guerra estadunidense, com seu americanismo pautado na democracia e na liberdade. “O tema da invasão, da agressão à comunidade que deve ser defendida, é constantemente retomado” (Andreotti, 2023, p. 66).

O Super-Homem passa a cada vez mais tornar-se parte da mitologia nacionalista estadunidense. A Segunda Guerra Mundial foi um forte mobilizador nesse quesito, já que os Estados Unidos assumiram uma posição de defensores da democracia e da liberdade, contra o nazifascismo, e o Super-Homem além de defender esses ideais defendia a verdade e a justiça

Tomando para si a tarefa de defender a nação de seus inimigos, o Superman assume, no plano imaginário e simbólico, a tarefa de proteger a comunidade de ameaças nesse momento histórico importante para a formação da identidade americana, compondo o imaginário heroico e a narrativa da nação. (Andreotti, 2023, p. 68)

Em 1945 é criada a primeira das aventuras do *Superboy*, que seria a vida do Super-Homem antes de ele virar adulto, enquanto ele vivia com sua família adotiva em *Smallville* (Daniels, 1998, p. 69). Mort Weisinger, o editor das histórias do Super-Homem de 1941 até 1970 (Dooley; Engle, 1987, p. 52), foi um dos idealizadores da infância do herói. Em 1958 o *Superboy* viaja para o futuro, para o século 30. Por um lado, o passado do Super-Homem trazia os valores de um Estados Unidos interiorano, e a “inocência associada a eles” (Dooley; Engle, 1987, p. 53); de outro mostrava que havia futuro, mesmo numa era pós-atômica.

Essas mensagens eram reconfortantes, porque o Super-Homem era o ser mais poderoso do universo e ele estava do lado dos estadunidenses. “His virtues are our virtues. He believes in the same things we do. As the opening of the television program proclaimed, he fights for ‘Truth, Justice and the American Way.’ And he always wins”<sup>9</sup> (Dooley; Engle, 1987, p. 53).

Entre o pós segunda guerra e meados da década de 1960 os EUA viveram um nacionalismo exacerbado, fazendo com que o Super-Homem adotasse um caráter mais conservador (Andreotti, 2023, p. 71-73).

O que as páginas das histórias do Superman do período revelam é que esses dois medos, o da aniquilação pela radiação nuclear e o da invasão comunista, estavam presentes no imaginário americano, sejam representados pela metáfora da radiação da kryptonita que podia derrotar o Superman ou pelo medo de sua cooptação ou controle pelo invasor (Andreotti, 2023, p. 83).

Ao longo dos anos, os poderes do Super-Homem foram aumentando em quantidade e qualidade. Inicialmente ele saltava de prédios, depois de algumas edições ele voava. Sua visão e audição que eram “um pouco acima” das humanas, na década de 1960 eram em escalas microscópicas e espaciais. Essas mudanças vinham de vários escritores e editores (Dooley; Engle, 1987, p. 50-51).

---

<sup>9</sup>Tradução minha: “Suas virtudes são nossas virtudes. Ele acredita nas mesmas coisas que nós. Como proclamava a abertura do programa de televisão, ele luta pela ‘Verdade, pela Justiça e pelo Estilo Americano.’ E ele sempre vence.” O programa de televisão citado foi ao ar nos anos 1950. Fonte: LUNDEGAARD, Erik. **Truth, Justice and (Fill in the Blank)**. 2006. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/06/30/opinion/30lundegaard.html>. Acesso em: 04 jun. 2024.

Desde a década de 1960 os poderes do Super-Homem provém do sol, mobilizando o regime diurno de imagens, que é “chamado também de regime da antítese, operando uma separação em dois polos e a valorização de um em detrimento do outro: bem e mal, certo e errado etc” e também sendo um regime ligado “ao belicismo, à liderança, ao poder” (Andreotti, 2023, p. 17-18). O maniqueísmo e a força bruta operam com frequência nas histórias em quadrinhos, especialmente nas de super-heróis.

Na HQ *Superman* n. 162 (julho de 1963) o Super-Homem cria um “raio antimaldade”, que além de atingiu todos os criminosos da Terra, inclusive Khrushchev (na época primeiro ministro da URSS) e Fidel Castro (na época primeiro ministro de Cuba) (Andreotti, 2023, p. 93). É visível que os dois líderes socialistas eram vistos como criminosos/maldosos. Com isso a figura do Super-Homem se mostra novamente na luta contra o comunismo.

Assim fica perceptível que o Super-Homem é uma figura importante na mitologia nacionalista estadunidense, sendo necessário averiguar a fundo o papel de um Super-Homem soviético num cenário pós Guerra Fria.

#### 4ANÁLISE DE RED SON

Por fim, chegamos à análise de fato. Ao longo deste último capítulo do desenvolvimento, irei intercalar apresentações da fonte (com traduções no rodapé, feitas por conta própria, com auxílio de dicionários e da ferramenta Google Tradutor) em ordem de aparecimento da história, analisando as páginas mostradas com o resumo dos acontecimento das páginas não colocadas aqui.

A história é dividida em três partes, *Red Son Rising*<sup>10</sup>, *Red Son Ascendant*<sup>11</sup> e *Red Son Setting*<sup>12</sup>. Podemos notar que a ordem dos capítulos é a ordem do nascer, ascensão e pôr do sol, mostrando que o autor, Mark Millar, coloca o Super-Homem equiparado ao sol nessa história. Em 1999, Millar deu uma entrevista afirmando que seu maior projeto do futuro era *Superman: Red Son*, sendo que o desenhista Dave Johnson estava trabalhando há três anos na

---

<sup>10</sup>Tradução minha: “Nascimento do Filho Vermelho.”

<sup>11</sup>Tradução minha: “Ascendente do Filho Vermelho.”

<sup>12</sup>Tradução minha: “Queda do Filho Vermelho.” Nota: *setting*, nesse caso, vem de *sunset*, que é quando o sol se põe, utilizei queda para representar melhor o que a história quis dizer, pois não há tradução literal para *setting* nesse sentido.

produção da HQ<sup>13</sup>. Em um texto escrito para um site<sup>14</sup>, após a publicação dos três volumes da HQ, o autor afirma que sua inspiração para a história veio após a leitura de *Superman #300*, onde a nave do herói caiu em águas neutras entre os EUA e a URSS. Millar diz que, por vir de uma família com tendências à esquerda, uma das primeiras histórias que fez para agradar seu pai era um super-herói soviético. “Was the Soviet answer to Superman, his costume based on the flag of the USSR. Just as Superman stood for Truth, Justice and the American Way, this guy stood for Stalin, International Socialism and the glorious Five-Year Plan”<sup>15</sup>. Não há informações de quando Mark fez esse primeiro esboço do Super-Homem soviético, contudo, de acordo com a Wikipedia<sup>16</sup>, Mark nasceu em 1969, 16 anos após a morte de Stalin. Por que enquanto o Super-Homem original defendia a verdade e a justiça, o soviético defendia Stalin e o Plano Quinquenal? O autor optou por enfatizar o culto à personalidade do período stalinista, mostrando uma crítica à União Soviética.

A primeira parte de *Red Son* se passa em 1953, pois é o período no qual tanto Eisenhower quanto Stalin estão no poder (EUA e URSS, respectivamente) historicamente falando, e também, mais perto do final, aparece a morte fictícia de Stalin, em novembro de 1953. A segunda parte se passa no final da década de 70, segundo uma fala que aparece na página 74. Por fim, a terceira parte se passa em 2001, que seria um período contemporâneo ao da finalização da HQ. No decorrer da história em quadrinhos, vemos que não são respeitados fatos históricos, como por exemplo a sequência de presidentes, datas de morte, etc. Isso será deixado de lado, a fim de focar no enredo e em sua correlação com o nacionalismo estadunidense.

---

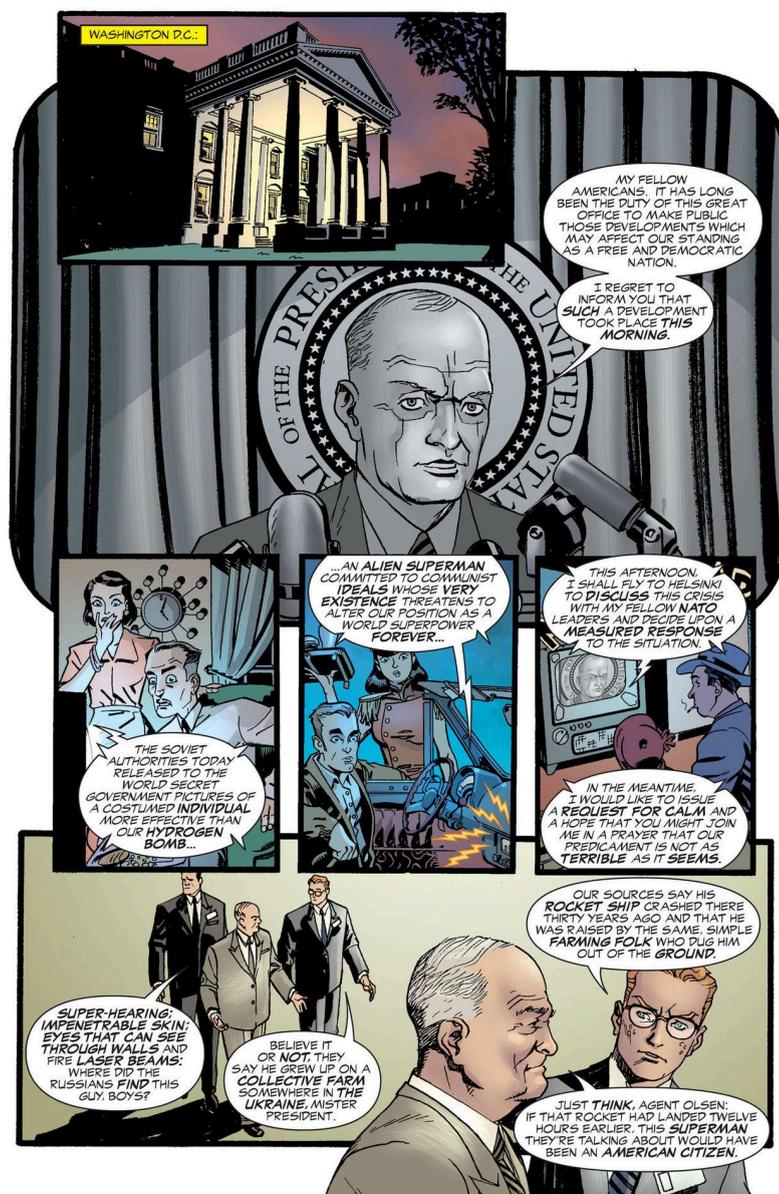
<sup>13</sup>YOUNIS, Steven. **Exclusive Mark Millar Interview**. 1999. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20011121213043/https://www.supermanhomepage.com/comics/interviews/c-interview\\_millar.html](https://web.archive.org/web/20011121213043/https://www.supermanhomepage.com/comics/interviews/c-interview_millar.html). Acesso em: 01 nov. 2022.

<sup>14</sup>RED Son. Entrevista com Mark Millar. Disponível em: <http://superman.nu/a/ges/redson/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

<sup>15</sup>Tradução minha: “Foi a resposta soviética ao Superman, seu traje baseado na bandeira da URSS. Assim como o Super-Homem representava a Verdade, a Justiça e o Estilo Americano, esse cara representava Stalin, o Socialismo Internacional e o glorioso Plano Quinquenal.” Disponível em: <http://superman.nu/a/ges/redson/>.

<sup>16</sup>MARK Millar. Wikipedia. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Mark\\_Millar](https://en.wikipedia.org/wiki/Mark_Millar). Acesso em: 17 jun. 2024.

Figura 1 – Anúncio do Presidente



Fonte: Millar *et al.*: 2004, p. 11<sup>17</sup>

<sup>17</sup>Tradução minha: “Meus companheiros americanos. Há muito que é dever deste grande cargo tornar públicos os desenvolvimentos que possam afetar a nossa posição como nação livre e democrática.

Lamento informar que **tal** desenvolvimento ocorreu **esta manhã**.

As autoridades soviéticas divulgaram hoje ao mundo imagens secretas do governo de um **indivíduo** fantasiado mais eficaz do que a nossa **bomba de hidrogênio**...

Um **Super-Homem alienígena** comprometido com os ideais comunistas cuja **própria existência** ameaça alterar **para sempre** a nossa posição como superpotência mundial...

Esta tarde, viajarei para Helsínquia para **discutir** esta crise com os meus colegas líderes da **OTAN** e decidir sobre uma **resposta ponderada** à situação.

Enquanto isso, gostaria de lhes **pedir calma** e a esperança de que se juntem a mim numa oração de que a nossa situação não seja tão **terrível** como parece.

**Super-audição; pele impenetrável; olhos que podem ver através das paredes e disparar raios laser**; onde os russos encontraram esse cara, rapazes?

Acredite ou **não**, dizem que ele cresceu numa **fazenda coletiva** em algum lugar na **Ucrânia**, Senhor Presidente.

A Figura 1 é a segunda página da história em si. Nela aparece o Presidente Eisenhower<sup>18</sup> anunciando a existência do Super-Homem Soviético. Já na segunda frase é deixado claro que desenvolvimentos/progressos externos podem afetar a liberdade e a democracia dos Estados Unidos como nação. Por trás disso, é possível notar que o governo estadunidense está sempre em busca de inimigos estrangeiros aos quais avisar à população, como se o mero progresso científico de uma outra nação pudesse ser considerado imediatamente uma ameaça aos civis estadunidenses.

Para enfatizar o perigo que estaria adiante, Eisenhower compara o poder do Super-Homem ao poder da Bomba de Hidrogênio<sup>19</sup>. Ele deixa claro que a simples existência de uma pessoa com tal poder e comprometida com os ideais comunistas é uma ameaça à posição de superpotência dos Estados Unidos. Torna-se perceptível que a existência de armas capazes de destruir a humanidade não são o problema, mas sim o alinhamento político de quem controla essas armas. Tanto que, ao final da página, vemos o diálogo do presidente com um agente da Agência Central de Inteligência (CIA), onde o presidente mostra-se decepcionado pois, por questão de algumas horas de rotação da Terra, o foguete teria caído em terras estadunidenses. É visível que isso é dito para mostrar que seria bom se o Super-Homem fosse “americano”, pois a única nação que tem direito a ter decisão sobre o arsenal mundial são os EUA.

Além disso, nas frases finais, a CIA descobriu que esse ser, teoricamente alienígena, foi criado por simples fazendeiros ucranianos, ou seja, que não foi criado em uma base militar por soldados. Mesmo com esse conhecimento, persiste a ideia de que essa pessoa é uma ameaça.

Voltando um pouco, o presidente Eisenhower anuncia que vai se encontrar com os líderes da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), para buscar uma resposta ponderada/na medida certa. A OTAN é uma organização cujo quinto artigo<sup>20</sup> diz que, em caso de ataque a qualquer um dos países membros, tal ação será respondida por todos os outros membros, inclusive com o uso das Forças Armadas de cada país. Logo, para o Eisenhower

---

Nossas fontes dizem que seu **foguete** caiu lá há trinta anos e que ele foi criado pelos mesmos **agricultores simples** que o desenterraram do solo.

**Pense**, Agente Olsen: se aquele foguete tivesse pousado doze horas antes, esse **Super-Homem** de quem eles estão falando seria um **cidadão americano**.”

<sup>18</sup> Presidente de 1952 a 1960, segundo Karnal *et al.* (2007), p. 258

<sup>19</sup> Que acabara de ser testada, em 19 de novembro de 1952 (Nevins; Commager, 1986. p. 525)

<sup>20</sup> NATO (org.). **The North Atlantic Treaty**. Disponível em: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/official\\_texts\\_17120.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm). Acesso em: 10 abr. 2024.

dos quadrinhos, a mera existência de um ser vivo com super-poderes é motivo de reunião com membros de uma organização militar internacional. Além disso, pelo grifo de Millar na frase, o presidente enfatiza um pedido de calma aos cidadãos, denotando que se acredita/espera que os cidadãos estejam nervosos e preocupados com tal notícia. Por fim, o pedido de uma oração à população estadunidense reitera a religiosidade presente na fundação do país.

Figura 2 – Preocupação Visão Raio-X



Fonte: Millar *et al.*: 2004, detalhe p. 12<sup>21</sup>

Na Figura 2 é importante reparar na expressão facial do policial na TV, que parece de alguém indignado. Sua provável indignação se deve ao fato de que o Super-Homem Soviético vigia cada passo deles (não fica claro se o policial se refere a toda humanidade ou apenas aos estadunidenses) e que pode a qualquer momento atacar; também há uma cidadã preocupada com a privacidade sendo invadida. É visível a contradição de um oficial e de uma cidadã

<sup>21</sup>Tradução minha: “Dizem que ele pode nos ver do **espaço** com aqueles super olhos e que está observando **cada movimento** nosso, apenas aguardando o **momento perfeito** para **atacar**.”

Há rumores de que seus chefes em Moscou estão pressionando por uma **invasão total** em questão de **semanas**. Caramba, o **país** inteiro está revestindo suas paredes com chumbo, Martha. Não podemos ter o Super-Homem nos observando no banheiro com aquela horrível **visão de raio-x** dele, **podemos?**

A boa gente de **Smallville** tem que pensar em sua dignidade.

Oh meu Deus. Não é suficiente que eles tenham **satélites** e **bombas nucleares** suficientes para nos explodir dez vezes sem o **Super-Homem do Espaço** de Stalin também?

Só agradeço à minha estrela da sorte que o querido e doce **Jonathan** nunca viveu para ver o dia em que este país seria colocado de **joelhos** desta forma.”

estadunidenses, sabendo da existência do FBI e da CIA (duas agências comprometidas com a coleta de dados internos e externos) estarem preocupados com a vigilância extrema.

Martha Kent cita os satélites e as bombas nucleares soviéticas, mas ao fazer isso parece convenientemente se esquecer das bombas nucleares dos Estados Unidos, que, inclusive, foram utilizadas contra civis no Japão. Ela também fala do país estar de joelhos, como se estivesse subjogado por forças soviéticas, quando o que dá a entender pela própria história é que tem uma pessoa voando pelo mundo salvando pessoas/evitando tragédias. A necessidade de um inimigo externo toma conta do imaginário nacionalista estadunidense, deixando claro que “o outro” é uma ameaça constante.

Nas próximas páginas o governo soviético deixa claro que há apenas “uma superpotência agora”. Também aparece Lex Luthor como consagrado cientista e marido de Lois Lane. Lex bota um plano para coletar o DNA do Super-Homem e criar um clone capaz de destruir o Super-Homem Comunista. No meio disso, ocorre um tipo de festividade para o Super-Homem, onde uma discussão entre Stalin e um oficial ocorre.

Figura 3 – Oficial conversa com Stalin.



Fonte: Millar et al: 2004, detalhe p. 26<sup>22</sup>

Na Figura 3, um oficial soviético é visto reclamando com Stalin, questionando como ele pôde deixar um **alienígena/estrangeiro** vindo da **Ucrânia** (grifos do autor) para dentro do

<sup>22</sup> Tradução minha: “Não, mas ele poderia mostrar a você um pouco mais de **respeito**, camarada Stalin. Não acredito que você realmente o apertou contra o peito.

Como você pôde trazer este **alienígena** da **Ucrânia** para o nosso **círculo íntimo** a este nível?

Porque eles o **amam**, meu garoto. Ele foi criado para acreditar em tudo o que **defendo** e faz com que a Rússia se sintam tão **indestrutível** quanto **ele** é.” Nota: apertar contra o peito significa abraçar, trazer para perto de si; nota 2: alien no quadrinho pode significar tanto alienígena quanto alguém de fora/estrangeiro num geral; nota 3: quando ele diz “Russia feel indestructible” pode significar tanto que a Rússia em si se sintam indestrutível quanto significar que a Rússia parece indestrutível (para outros).

círculo interno. O oficial, que ao longo da história em quadrinhos é a representação mais importante que se tem da cúpula soviética, é colocado como um xenófobo, deixando margem para extrapolação de que os oficiais do Exército Vermelho praticavam a xenofobia, especialmente contra ucranianos. É importante notar que as relações entre a Rússia e a Ucrânia sofreram alterações ao longo dos anos, rodeadas de conflitos, mas também de acordos e trocas culturais e econômicas<sup>23</sup>.

Stalin responde que o Super-Homem foi criado para acreditar em tudo que Stalin representa e que o Super-Homem faz a Rússia parecer indestrutível. Provavelmente o autor quis dizer que a Rússia pareceria indestrutível aos olhos dos cidadãos russos e também aos olhos dos inimigos da União Soviética. É possível perceber que os dois lados (EUA e URSS) enxergavam o Super-Homem apenas como uma arma e que, para Stalin, existe algum tipo de lavagem cerebral ocorrendo na União Soviética como um todo, já que ele tem a clareza de que o Super-Homem defende tudo que o Stalin (e talvez o comunismo) prega. Essa ideia de lavagem cerebral em relação ao comunismo já foi tratada no subcapítulo Guerra Fria, explicando que a crença estadunidense é de que ninguém recusaria os valores “americanos” por livre e espontânea vontade. É importante notar que a história não deixa claro os limites entre uma ideologia (comunismo) e sua prática ou os seus praticantes. Na história Stalin é visto como o grande líder comunista, mas não vemos Eisenhower como grande líder capitalista simplesmente por estar no poder de um país capitalista.

Figura 4 – Stalin.

---

<sup>23</sup>Ver **RELAÇÕES** entre Rússia e Ucrânia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es\\_entre\\_R%C3%BAssia\\_e\\_Ucr%C3%A2nia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_entre_R%C3%BAssia_e_Ucr%C3%A2nia). Acesso em: 06 jun. 2024.



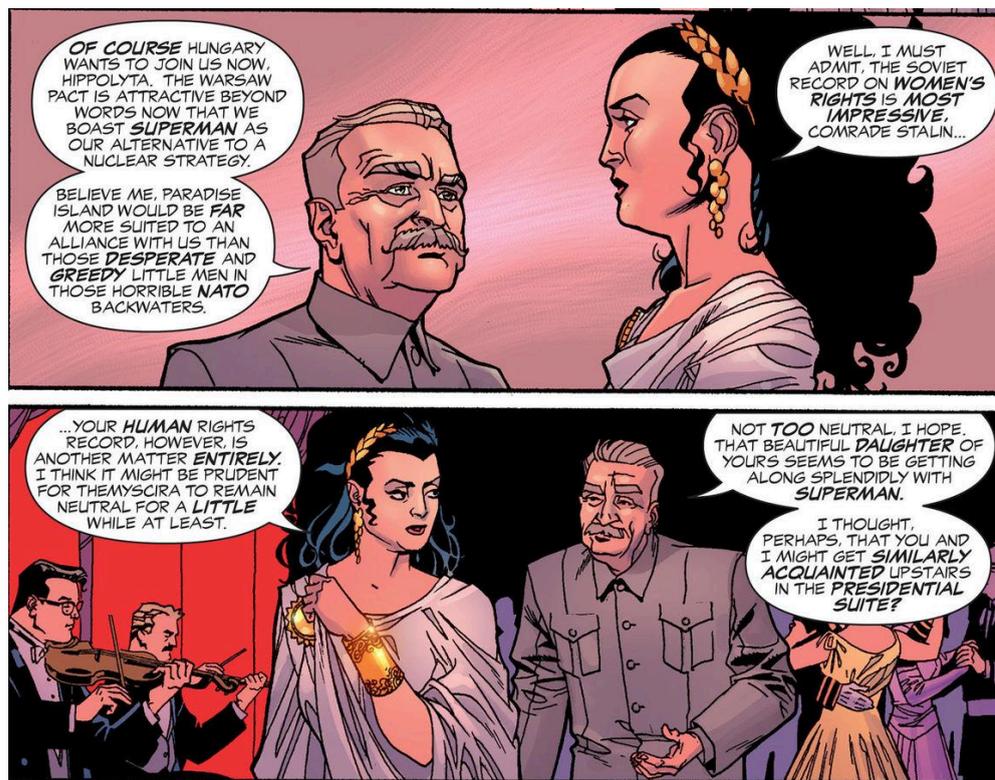
Fonte: Millar *et al*: 2004, detalhe p. 26<sup>24</sup>

Na Figura 4 vemos um Stalin com semblante enraivecido, falando num tom autoritário com seu capitão. É notável a diferença da representação de Eisenhower, que quando conversa com o Agente Olsen fala num tom amigável e paternalista, para a representação de Stalin, que trata um oficial de alto escalão, que vemos também ser seu filho, com palavras autoritárias. Outra menção a ser feita é o fato de Stalin vangloriar-se de o capitão ser apenas mais um de seus tantos filhos ilegítimos. Aqui vemos, mais uma vez, o autor rebaixando os personagens soviéticos com juízos de valor, já que ter filhos fora do casamento é algo mal visto pela sociedade cristã, a qual os Estados Unidos da América, como já citado anteriormente, faz parte.

---

<sup>24</sup>Tradução minha: “Não, estou dizendo que você deveria ter **cuidado com a língua** e lembrar com quem está **falando**, meu capitãozinho ciumento. Tenha em mente que você é apenas um dos **vários** filhos ilegítimos que tenho por aí, você sabe.”

Figura 5 – Stalin e Hippolyta.



Fonte: Millar *et al.*: 2004, detalhe p. 28<sup>25</sup>

Na Figura 5 Stalin está no meio de uma conversa com Hippolyta, rainha de Themyscira. Nela Stalin se vangloria de ter o Super-Homem como alternativa à estratégia nuclear da Guerra Fria, citando o Pacto de Varsóvia. Ele também fala dos “homens da OTAN”, chamando-os de desesperados e gananciosos. Novamente Stalin aparece como essa figura desrespeitosa, utilizando palavras ofensivas para designar tanto aliados quanto inimigos políticos.

Depois vemos Hippolyta respondendo, dizendo que os soviéticos tem um bom histórico com os direitos da mulher, mas não com os direitos humanos. É uma crítica válida,

<sup>25</sup>Tradução minha: “É claro que a Hungria quer juntar-se a nós agora, Hippolyta. O Pacto de Varsóvia é mais atrativo agora que ostentamos o **Super-Homem** como a nossa alternativa a uma estratégia nuclear. Acredite em mim, a Ilha Paraíso estaria **muito** mais adequada em uma aliança conosco do que com aqueles homenzinhos **desesperados** e **gananciosos** naquelas horríveis águas estagnadas da **OTAN**. Bem, devo admitir, o histórico soviético sobre os **direitos das mulheres** é **muito impressionante**, camarada Stalin...

...O seu histórico de direitos **humanos**, no entanto, é outra questão **completamente** diferente. Acho que seria prudente que Themyscira permanecesse neutra pelo menos por um **pouco** de tempo.

Não **muito** neutra, eu espero. Aquela sua linda **filha** parece estar se dando muito bem com o **Super-Homem**.

Pensei, talvez, que você e eu poderíamos nos **conhecer da mesma forma** lá em cima, na **suíte presidencial**?”

Nota: *backwaters* significa remansos, que é quando existe uma porção de água parada de um rio ou algum outro fluxo. Para essa tradução escolhi águas estagnadas pois remanso não é um termo muito utilizado no Brasil e o significado de “atrasados” permanece.

ainda mais se for levado em consideração que o período stalinista regrediu também nos direitos da mulher, apesar de alguns desses direitos terem sido debatidos publicamente (aborto, divórcio...)²⁶. Entretanto, o autor convenientemente silencia os problemas de direitos civis internos aos Estados Unidos ao longo da HQ.

Stalin, ao responder, nem ao menos cita a crítica de Hippolyta, como se para ele o fato de os direitos humanos não serem respeitados dentro do território que ele lidera pouco significasse. Ao invés de uma resposta para isso, Stalin sugere que ele e Hippolyta, uma líder de Estado, tenham relações afetivas e talvez até sexuais, pela insinuação que ele dá de levá-la à suíte presidencial; mais uma vez, é colocada a [falta de] moralidade de Stalin em evidência, algo que não aparece nos líderes dos EUA ao longo da HQ. Stalin também fala da possibilidade de relação entre o Super-Homem e a filha de Hippolyta (Diana/Mulher-Maravilha), numa clara tentativa de formar uma aliança, do jeito que era feito nos tempos antigos, quando a monarquia era regra.

Figura 6 – Pyotr bêbado.



Fonte: Millar *et al.*: 2004, detalhe p. 32²⁷

²⁶FITZPATRICK, Sheila. **Everyday Stalinism**: ordinary life in extraordinary times. soviet russia in the 1930s. New York: Oxford University Press, 1999, p.152-155.

²⁷Tradução minha: “Você é o **oposto** da doutrina marxista, Super-Homem. Prova viva de que **nem** todos os homens são criados iguais.”

Aqui, na Figura 6, vemos Pyotr, Oficial soviético e filho ilegítimo de Stalin, bêbado. Nas cenas desta e da página anterior, ele aparece atirando em um espantalho. Vemos mais uma vez o Oficial soviético como um ser desprezível, bêbado e brincando com armas, por estar com inveja do Super-Homem.

Além disso, Pyotr faz uma crítica ao Super-Homem por aquele ser completamente o oposto da doutrina marxista, por não ser igual a todos os homens, sendo que, onde está escrito que os homens são criados iguais é na Declaração de Independência dos Estados Unidos: “Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a vida, a liberdade e a procura da felicidade”<sup>28</sup>. O comunismo marxista se baseia na abolição da propriedade privada, e essa abolição se faz necessária para tornar iguais, social e economicamente, todos os seres humanos. O marxismo busca o fim da exploração do homem pelo homem, incluindo as mulheres e as crianças.<sup>29</sup>

Figura 7 – Pyotr e Super-Homem.



Fonte: Millar *et al*: 2004, detalhe p. 32<sup>30</sup>

<sup>28</sup>Transcrição retirada da Wikipedia [https://pt.wikisource.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_Independ%C3%Aancia\\_dos\\_Estados\\_Unidos\\_da\\_Am%C3%A9rica](https://pt.wikisource.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_da_Independ%C3%Aancia_dos_Estados_Unidos_da_Am%C3%A9rica)

<sup>29</sup>Ver capítulo “Proletários e comunistas” de MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Bauru: Edipro, 2011.

<sup>30</sup> Tradução minha: “Na verdade, ele não **convidou** você para a festa, **convidou**?”

Descobrimos, na Figura 7, que Stalin sequer convidou Pyotr, seu filho e Oficial, para a festa de celebração ao Super-Homem. Segundo Pyotr, Stalin só se preocupa agora em ostentar o Homem de Aço, e o resto que “vá para o inferno”. Ao longo da HQ vemos críticas ao temperamento e à moralidade do líder da União Soviética, enquanto os fatos históricos são deixados em segundo plano.

Nesse mesmo encontro, Pyotr conta como assassinou um casal e atirou num menino que não devia ter nem 9 anos, mostrando mais uma vez a crueldade de agentes do Estado Soviético. Essa passagem reforça o maniqueísmo nos quadrinhos, botando claramente um lado como mau (os soviéticos). Além disso, segundo Paxton (2007, p. 349), a violência stalinista era mais voltada para o público masculino adulto, não atingindo mulheres e crianças, além de ter um caráter de perseguição maior dentro do partido comunista e em ativistas.

Logo após a conversa entre Pyotr e o Super-Homem, este escuta um pedido de ajuda vindo de Moscou. Stalin havia sido envenenado. Com a confusão instaurada, Lex Luthor e os agentes da CIA se preparam para lançar o clone do Superman, que seria mais uma das ações dos Estados Unidos para conter a “ameaça comunista”. O Super-Homem enfrenta o clone e no fim o clone se sacrifica para desviar o curso de um míssil.

A morte de Stalin fez com que a hierarquia do partido comunista pedisse para o Super-Homem ficar no poder. Ele inicialmente nega, alegando que seu privilégio (ter super-poderes) não deveria ser motivo para liderar a União Soviética, mas após ver pessoas numa fila para pegar comida, percebe que pode fazer muito mais pelas pessoas liderando a URSS. A morte histórica de Stalin ocasionou em mudanças nos rumos da União Soviética, com uma maior abertura política e um governo menos autoritário<sup>31</sup>. Contudo, a ficção parece querer remontar apenas aos aspectos negativos da URSS, sem relembrar da mobilidade social, do maior acesso à educação e da emancipação feminina presentes na sociedade soviética<sup>32</sup>.

Aproximadamente vinte anos depois no enredo, inicia a segunda parte, “*Red Son Ascendant*”, com Lex Luthor encolhendo, com a ajuda de Brainiac (uma forma de vida alienígena), a cidade de Stalingrado. É interessante ver como Lex aparece como um “gênio

---

Não, e você sabe **por quê?** Porque tudo o que o camarada Stalin quer fazer **agora** é exibir o seu indestrutível **homem de aço**, meu amigo. O resto de nós pode ir para o inferno.”

<sup>31</sup> Ver capítulo “A União Soviética em tempo de reformas (1953-1964)” em REIS FILHO, Daniel Aarão. **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: Unesp, 2003.

<sup>32</sup> Ver capítulo “A Formação da Sociedade Soviética” em REIS FILHO, Daniel Aarão. **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: Unesp, 2003.

louco” e não como uma pessoa inerentemente ruim, mesmo que ele faça coisas humanamente ruins, como derrubar uma cidade com milhões de pessoas que ele ajudou a encolher, apenas para ver se o Super-Homem iria pegar. As vidas humanas são apenas pontos para essa competição que Luthor criou e ao longo da história parece que tudo é justificado por sua genialidade e pelo fato de ele pensar “além”.



Fonte: Millar *et al.*: 2004, p. 63<sup>33</sup>

<sup>33</sup> “Apenas noventa segundos em cada exposição, camarada. Acompanhe os demais turistas ou enfrente um rigoroso exame psicológico.

**Desculpe**, meu amigo. Eu estava em um mundo só meu.

A União Soviética era apenas um **frágil conjunto** quando o Super-Homem chegou ao poder. **Dois décadas depois e o mundo inteiro** é nosso aliado.

Apenas os **Estados Unidos** e o **Chile** optam por permanecer independentes; as duas últimas economias capitalistas da Terra e ambas à beira do **colapso** fiscal e social.

O resto do mundo ficou **feliz** em oferecer o controle total ao Super-Homem e assistiu com admiração enquanto ele reconstruía suas sociedades, administrando seus assuntos com mais eficiência do que qualquer **humano** poderia.

**Pobreza, doenças e ignorância** foram praticamente eliminadas dos **Estados do Pacto de Varsóvia...**

...A **desobediência ao partido** foi praticamente eliminada.”

Na página 63 (Figura 8), vemos um funcionário do museu sendo rígido com um transeunte, avisando-o que se passasse mais de noventa segundos em uma exposição, passaria por um “rigoroso exame psicológico”. A visão de que a União Soviética era autoritária nos mínimos detalhes aparece outras vezes na HQ, dando a entender que tudo nesse Estado gira em torno de controle, cada segundo conta.

É importante notar que tanto o funcionário com o dispositivo cerebral quanto a mulher que é provavelmente a guia turística estão uniformizados, como se fossem soldados. A ideia de que qualquer funcionário público é um soldado mostra novamente uma visão depreciativa que o autor tem em relação à União Soviética, pois um soldado está disposto a matar e a morrer pelo país, seguindo regras sem refletir sobre. O autor coloca pessoas comuns como apenas receptores de uma ideologia, não seres pensantes.

A guia turística aparece, ainda na Figura 8, explicando que quase o mundo inteiro era aliado da URSS, restando apenas os Estados Unidos e o Chile como economias capitalistas. O autor colocou duas nações para não ficar tão explícita a mensagem de que os Estados Unidos da América são o último bastião da humanidade contra a barbárie que são os comunistas.

A guia turística continua, mostrando como os aliados da URSS ficaram “admirados” quando o Super-Homem refazia as sociedades de cada país. A forma como esses países são colocados como submissos e ignorantes é clara, para mostrar que apenas pessoas com pouco conhecimento se submeteriam a um regime socialista. Ela também fala de como as nações ficaram felizes em oferecer controle total ao Super-Homem, reforçando a ideia de que o socialismo se resume ao controle de todos os âmbitos da sociedade, implicitamente dizendo que isso inclui questões individuais (ao longo da HQ vemos de forma mais explícita o controle das liberdades individuais).

É visto que problemas sociais foram praticamente eliminados com a liderança do Super-Homem, em contrapartida a “desobediência ao partido” [comunista] também foi praticamente eliminada. A separação das frases entre a eliminação dos problemas sociais e a eliminação da desobediência ao partido mostram uma ênfase na última, remontando ao período stalinista da União Soviética, sem considerar outros momentos e outros líderes.

Ao longo da história, descobrimos como o Super-Homem reduziu a desobediência civil: transformando os dissidentes em “robôs”, utilizando um dispositivo igual ao que o primeiro funcionário aparece usando no lado da cabeça. É como uma lavagem

cerebral/lobotomia, mas não fica claro como funcionaria biologicamente. Os “robôs do Super-Homem” são obedientes e trabalham nos cargos mais baixos da União Soviética: guardas, limpadores etc. Surge novamente a ideia de que apenas quem está sob algum tipo de controle aceita o comunismo.

Figura 9 – Construção da Utopia.



Fonte: Millar *et al.*: 2004, detalhe p. 71<sup>34</sup>

Nas páginas seguintes ocorre um ataque anarquista de um *Batman* soviético, que depois descobrimos ser a criança cujos pais foram assassinados por Pyotr. Depois que o que parece ser a tropa de elite da polícia soviética falha em deter o Homem-Morcego, Pyotr vai questionar o Super-Homem sobre matar esse dissidente. No detalhe da página 71, o Super-Homem diz que não vai haver mortes e que essa utopia não será construída sobre os ossos de seus inimigos. O Super-Homem deixa claro que esse era o jeito do Stalin, não o dele.

É compreensível nesse excerto que a ideia de um mundo comunista é uma utopia, ou seja, algo que não pode ser alcançado. A Utopia de Thomas More é uma inspiração para revolucionários comunistas, contudo Engels já alertava que o socialismo para funcionar não poderia ser utópico, e sim científico (ou seja, baseado no materialismo histórico)<sup>35</sup>. Também há uma menção indireta aos Grandes Expurgos de Stalin, parte traumática da história da URSS<sup>36</sup>. A questão que fica é: se o Super-Homem quer trilhar um caminho diferente do de Stalin, por que manter o mesmo alto escalão? O herói é posto como ingênuo ao longo de toda

<sup>34</sup>Tradução minha: “**Não**, não deve haver **matança nenhuma**, Pyotr. Você pode comandar a KGB, mas sou eu quem governa o **país**.”

Esta utopia não será construída sobre os **ossos** dos meus **adversários**. Esse foi o caminho do **camarada Stalin**. Não o **meu**.”

<sup>35</sup>Ver “Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico” de F. Engels e “Manifesto do Partido Comunista” de K. Marx e F. Engels.

<sup>36</sup>“Por dois anos inteiros, em 1937 e 1938, altos dirigentes comunistas em todos os setores da burocracia – governo, partido, indústria, forças armadas e até a polícia – foram denunciados e presos como “inimigos do povo”. Alguns foram fuzilados; outros desapareceram no Gulag.” (Fitzpatrick, 2017, p. 215)

a HQ, mesmo que sua inteligência seja sobre-humana. Fica evidente a necessidade de reduzir a URSS ao período stalinista, para enaltecer os valores estadunidenses de sociedade.

Figura 10 – Super-Homem e Mulher-Maravilha voando.



Fonte: Millar *et al*: 2004, detalhe p. 75<sup>37</sup>

Após salvarem pessoas de um navio a ponto de explodir, na página 75, o Super-Homem começa uma conversa com a Mulher-Maravilha, sobre a possibilidade de o Lex Luthor e os “americanos” estarem certos e os dois heróis errados por interferirem na humanidade. De novo os Estados Unidos aparece como último bastião da humanidade, já que todos os países do mundo estariam do “lado errado”, menos os EUA (e o Chile, que não é mais citado ao longo da história). Mostra claramente a ideia de que os estadunidenses têm um destino a cumprir, mostrando o caminho à civilização para o resto da humanidade.

<sup>37</sup> Tradução minha: “Às vezes me pergunto se Luthor e os americanos estão **certos**, Diana. Talvez nós **realmente** interfiramos demais na humanidade.

Ninguém mais usa **cinto de segurança**. Os navios até pararam de levar **coletes salva-vidas**. Não gosto dessa nova maneira pouco saudável como as pessoas estão se **comportando**.

Não há nada de errado em **ajudar** as pessoas, Super-Homem. Você não pode simplesmente sentar e vê-los morrer com sua **visão telescópica**. Você está sendo **irracional**.

A KGB está sempre me pressionando para ter mais e mais controle, mas **já** sinto que estou controlando demais. Às vezes me preocupo que as pessoas nem **gostem** de mim.”

O Super-Homem continua, dizendo que agora as pessoas não usam mais cinto de segurança nem colete salva-vidas. A perspectiva de as pessoas sob o sistema socialista serem ignorantes, irracionais e inconsequentes persiste nessa história.

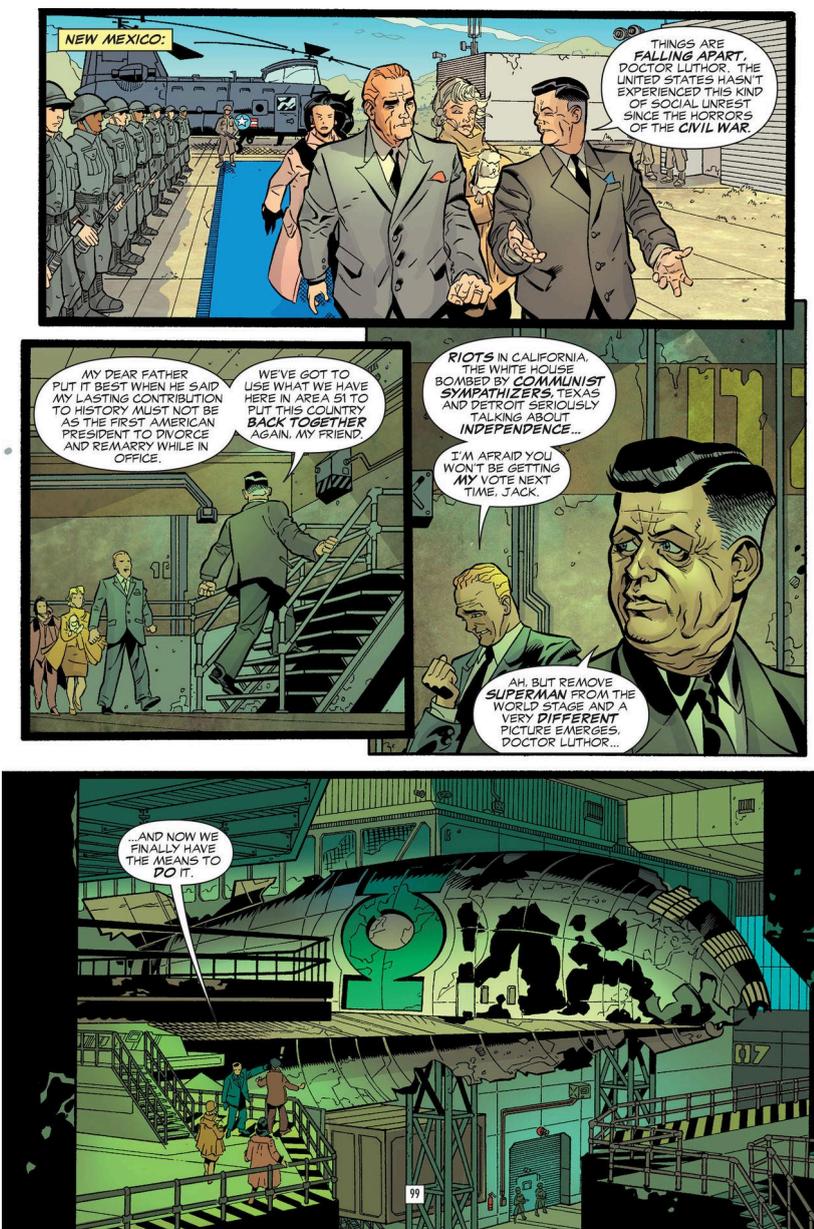
Depois de a Mulher-Maravilha responder que ele estava sendo irracional, ele explica que a KGB o está pressionando para tomar mais controle ainda. A ingenuidade do Super-Homem é novamente colocada em evidência, como um filho de fazendeiros que apenas está seguindo as regras do jogo, mesmo com os sentimentos contraditórios que isso lhe traz. É intrínseco ao herói que ele seja bom, a única coisa capaz de desvirtuá-lo seria a hipotética lavagem cerebral soviética.

Nas próximas páginas vemos que Lex Luthor e a CIA ainda estão planejando destruir o Super-Homem. Em outras páginas é possível saber que os EUA não estão indo bem em nenhum quesito, social, político ou econômico. Entretanto parece não ter importância que estejam gastando dinheiro público em destruir um ser que não tem plano algum de invadir o território estadunidense. Isso remete à realidade histórica na qual o governo estadunidense estava aumentando os gastos na corrida armamentista na década de 1980 e cortando gastos em programas sociais (Limonicic, 2024, p. 76), além dos financiamentos que a CIA recebia, tanto para sua atuação direta, quanto para financiar projetos indiretos (no campo artístico, por exemplo [Napolitano, 2020, p. 68, 69]).

Fica ainda mais interessante quando, na página 82, um motorista (aparentemente oficial da KGB) comenta com Pyotr que a URSS não deveria estar gastando dinheiro em um programa espacial quando havia “americanos” (estadunidenses) passando fome. Ou seja, o governo estadunidense pode gastar em programas militares enquanto seu próprio povo passa necessidade, mas a URSS deveria parar com seus avanços científicos por conta dos problemas de uma nação que sequer aceita ajuda (ou pelo menos seus líderes não aceitam).

Pyotr se encontra com o Homem-Morcego anarquista, pois Luthor e a CIA estão em contato com Pyotr para planejar um ataque contra o Superman. Aqui o leitor descobre que há gente de dentro da cúpula soviética mandando informações sobre a nave na qual o Super-Homem chegou na Ucrânia. De novo, não conseguem matar o Super-Homem, mas gera um conflito entre a Mulher-Maravilha e o Super-Homem, além de matar o Homem-Morcego. O Super-Homem descobre que Pyotr era um traidor e o transforma em robô, em páginas à frente.

Figura 11 – JFK e Lex Luthor.



Fonte: Millar *et al*: 2004, detalhe p. 99<sup>38</sup>

<sup>38</sup> Tradução minha: “As coisas estão **desmoronando**, doutor Luthor. Os Estados Unidos não viveriam este tipo de agitação social desde os horrores da **Guerra Civil**.

O meu querido pai se expressou bem quando disse que a minha contribuição duradoura para a história não deve ser a de ser o primeiro presidente americano a divorciar-se e a casar novamente enquanto estava no cargo.

Temos que usar o que temos aqui na área 51 para **reconstruir** este país, meu amigo.

**Revoltas** na Califórnia, a Casa Branca bombardeada por **simpatizantes comunistas**, Texas e Detroit falando seriamente sobre **independência**.

Receio que você não receba **meu** voto da próxima vez, Jack.

Ah, mas retire o **Super-Homem** do cenário mundial e surge um quadro bem **diferente**, doutor Luthor...

...E agora finalmente temos os meios para **fazê-lo**.”

Na figura 11 vemos o Presidente John F. Kennedy preocupado, dizendo que as coisas estão piores do que quando os Estados Unidos estavam em Guerra Civil. Então Kennedy diz que tirando o Super-Homem do cenário mundial, as coisas mudariam. O autor parece colocar uma nova perspectiva no que poderia ter sido a Guerra Fria, mostrando a realização do medo estadunidense de hegemonia soviética, medo esse que perdurou durante toda a Guerra Fria, mas que não era plausível, lembrando que “enquanto os EUA se preocupavam com o perigo de uma possível supremacia mundial soviética num dado momento futuro, Moscou se preocupava com a hegemonia de fato dos EUA” (Hobsbawm, 1995, p. 231). Num contexto de pós Guerra Fria, uma história que a reimagina, sob condições inversas, se mostra como reflexo do medo de uma globalização inversa, onde ao invés da supremacia estadunidense, existisse uma supremacia soviética/comunista. A globalização efetivamente ocorrida é uma inspiração para a HQ, todavia, diferentemente da Rússia, que aceitou sua “derrota” na História, os EUA, no enredo, continuam a lutar contra o movimento de globalização (soviética).

É notável a preocupação dos líderes estadunidenses com uma ameaça externa que não fez nada concreto para realmente ser considerada uma ameaça, ao invés de se preocupar com a situação interna do país, já que, segundo a Mulher-Maravilha, na página 74, nos EUA há crianças dormindo nas ruas. Voltamos o motorista da página 82, que era um agente duplo para o Homem-Morcego anarquista; o motorista é crítico aos gastos da União Soviética, por ter estadunidenses passando fome, mas não vemos a mesma crítica aos gastos do governo estadunidense. É como se os Estados Unidos sempre tivessem justificativas para suas ações, enquanto outra nação, especialmente uma socialista, está fadada a estar do lado errado da História.

No meio disso, Luthor cita bombardeios causados por **simpatizantes comunistas** (grifo do autor), mostrando, além do medo do inimigo interno estar presente (dessa vez concretamente), que mesmo com a população insatisfeita com o sistema, o governo estadunidense não dá crédito aos apelos por melhorias. Essa insatisfação também é vista quando Luthor cita a possibilidade de dois estados se separarem e virarem uma nação independente, possivelmente por quererem entrar no Pacto de Varsóvia do Super-Homem. Pela forma como ele fala, e depois ainda diz que não votará no Kennedy na próxima eleição, percebemos que Lex não gosta da ideia de estados se separarem e virarem uma nação. Vemos aí uma necessidade de controle da população e a negação do direito de autodeterminação que

os líderes estadunidenses (com a Doutrina Monroe e com a própria Declaração de Independência por exemplo) tanto pregam.

Figura 12 – Helicópteros e pôsteres.



Fonte: Millar *et al.*: 2004, p. 101<sup>39</sup>

<sup>39</sup> Tradução minha: “O tempo passou e o meu controle ficou mais forte.

Quase nenhuma decisão foi tomada em toda a extensão da União Soviética sem a minha permissão, de alguma forma ou de outra.

A população ficou em grande parte **grata e obediente**, mas os combatentes da liberdade, inspirados pela morte de Homem-Morcego, continuaram a ser um **problema**.

Meu desejo por **ordem e perfeição** só foi igualado por seus sonhos de **violência e caos**.

Eu ofereci a eles **utopia**, mas eles lutaram pelo direito de viver no **inferno**.”

Na figura 12 é possível observar cinco helicópteros sobrevoando o que possivelmente seria Moscou. Juntamente com as falas do Super-Homem, fica claro o clima de hipervigilância na União Soviética.

Também aparecem dois pôsteres em russo os quais obtive uma tradução próxima, utilizando a ferramenta Google Tradutor de imagens; o primeiro diz “confiança” ou “fé” e o segundo obtive uma tradução para o inglês de “*man of the future*”, que em português seria “Homem do Futuro”. Os enormes *outdoors* representam um forte culto à personalidade por esse novo Deus que seria o Super-Homem. Além dessa idolatria, a sensação de que ele está por toda parte fica evidente.

Na narração do Super-Homem aparecem novamente palavras que remetem a controle e a obediência, tratando a população como submissa e “grata” pelo controle a qual é submetida. A hipervigilância é expressada quando ele diz que nenhuma decisão na União Soviética é tomada sem a permissão dele.

Além disso, vemos uma dicotomia em duas falas; quando ele diz que seu desejo era ordem e perfeição enquanto o desejo dos combatentes da liberdade era violência e caos e quando ele diz que ele ofereceu utopia mas os combatentes preferiam o inferno. Nesse momento o autor coloca a figura do Super-Homem soviético como extremista, já que ele se vê como completamente certo e os outros como completamente errados. O maniqueísmo presente nas HQs do Super-Homem fica invertido, já que nessa história ele está do lado do mal. Apesar disso, mantém-se a noção de um caráter intrinsecamente bom no personagem, como é possível atestar quando ele se dá conta que estava sendo enganado pela ideologia comunista/soviética, o que será visto mais à frente.

São citados os “combatentes da liberdade” na página 101, como dissidentes anarquistas, seguidores do Homem-Morcego. Realmente existiram grupos chamados de “*Freedom Fighters*”; eram grupos militares financiados e treinados pela CIA, atuando em países de Terceiro Mundo, como por exemplo nas ditaduras da América Latina.<sup>40</sup>

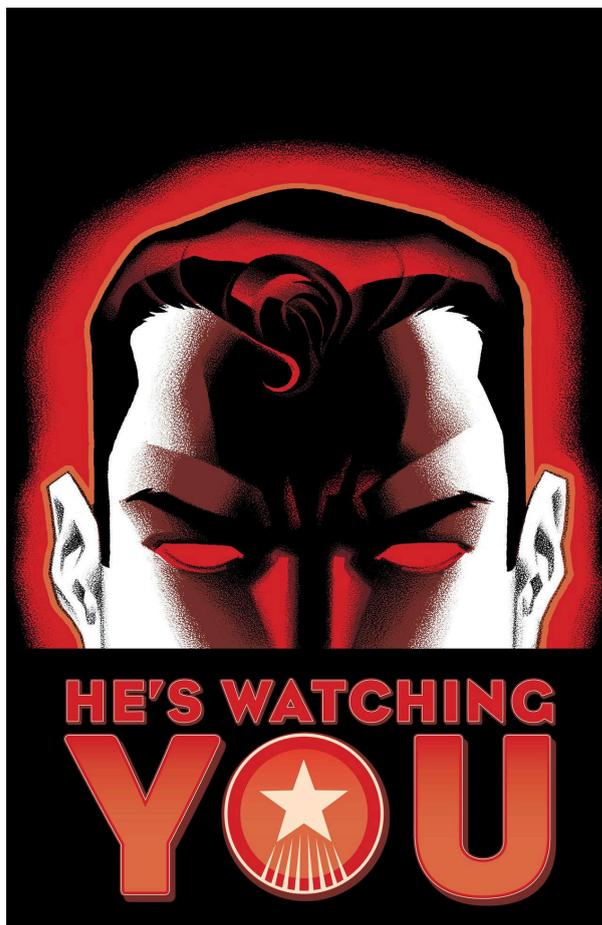
E novamente é vista a palavra utopia sendo utilizada, além da palavra perfeição, que remetem a coisas impossíveis, não realizáveis. Com o uso repetido desses termos, é visível

---

<sup>40</sup> BERNARDO, Thiago Monteiro. **Sob o Manto do morcego: uma análise do imaginário da ameaça nos eua da era reagan através do universo ficcional do batman.** 2009. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

que a HQ passa uma mensagem de não possibilidade de existência de sociedade alternativa ao sistema capitalista. Claramente a Utopia do Super-Homem está se tornando uma distopia, esta última sendo caracterizada por um governo autoritário e pela falta de liberdade.

Figura 13 – Ele está observando você.



Fonte: Millar *et al.*: 2004, p. 104<sup>41</sup>

Na última página da segunda parte da história (Figura 13), vemos um cartaz com a frase “Ele está observando você”, num fundo preto com vermelho, utilizando o rosto de um Super-Homem com olhos vermelhos. A aura vermelha por trás da cabeça do Super-Homem lembra algo flamejante, que pode ser poderoso e perigoso. Os olhos vermelhos podem significar raiva ou ódio, além de estarem prontos para soltar os raios-laser.

A frase remete ao livro de George Orwell (1949), “Mil Novecentos e Oitenta e Quatro”. A história do livro é baseada num futuro distópico, com analogias à União Soviética Stalinista. Nela, o Grande Irmão está sempre vigiando a população, utilizando de dispositivos

<sup>41</sup> Tradução minha: “Ele está observando você”.

futuristas (para a época). As obras de Orwell foram patrocinadas pela CIA, principalmente na produção de filmes sobre os livros, mas também na difusão dos livros pelos EUA. A Grã-Bretanha também teve participação em um dos filmes e nessa difusão dos livros<sup>42</sup>. O mau uso das obras anti autoritárias de Orwell como meio de difundir o anticomunismo refletiu numa sociedade que associa comunismo a autoritarismo.

Quando começa a terceira e última parte da história, vemos o Super-Homem fazendo a contagem da população pertencente aos aliados do Pacto de Varsóvia e começa a falar de como tudo ocorria conforme planejado. Ele cita que a criminalidade não existia mais, contudo isso parece não ser ponto crucial na HQ, que coloca os problemas sociais como secundários.

Figura 14 – Super-Homem observando do espaço.



Fonte: Millar *et al*: 2004, detalhe p.107<sup>43</sup>

Aqui, na Figura 14, novamente vemos o Super-Homem como um olho que tudo vê. Na página anterior vemos as costas dele, com ele olhando para a Terra. Aqui vemos a feição autoritária, com os braços cruzados, demonstrando uma pessoa convicta. Quando ele diz que as pessoas não reclamam nem mesmo em particular, fica subentendido que ele vigia as pessoas mesmo em seus momentos íntimos.

Também na página 107 é possível visualizar um tanque de guerra na rua, com um soldado utilizando binóculos, reforçando o Estado hiper-vigilante.

Na página seguinte é descoberto que os combatentes da liberdade, seguidores do Homem-Morcego, haviam sido todos transformados em robôs, ou seja, sofreram lavagem

<sup>42</sup>Ver LEAB, Daniel J.. **Orwell Subverted**: the cia and the filming of animal farm. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 2007.

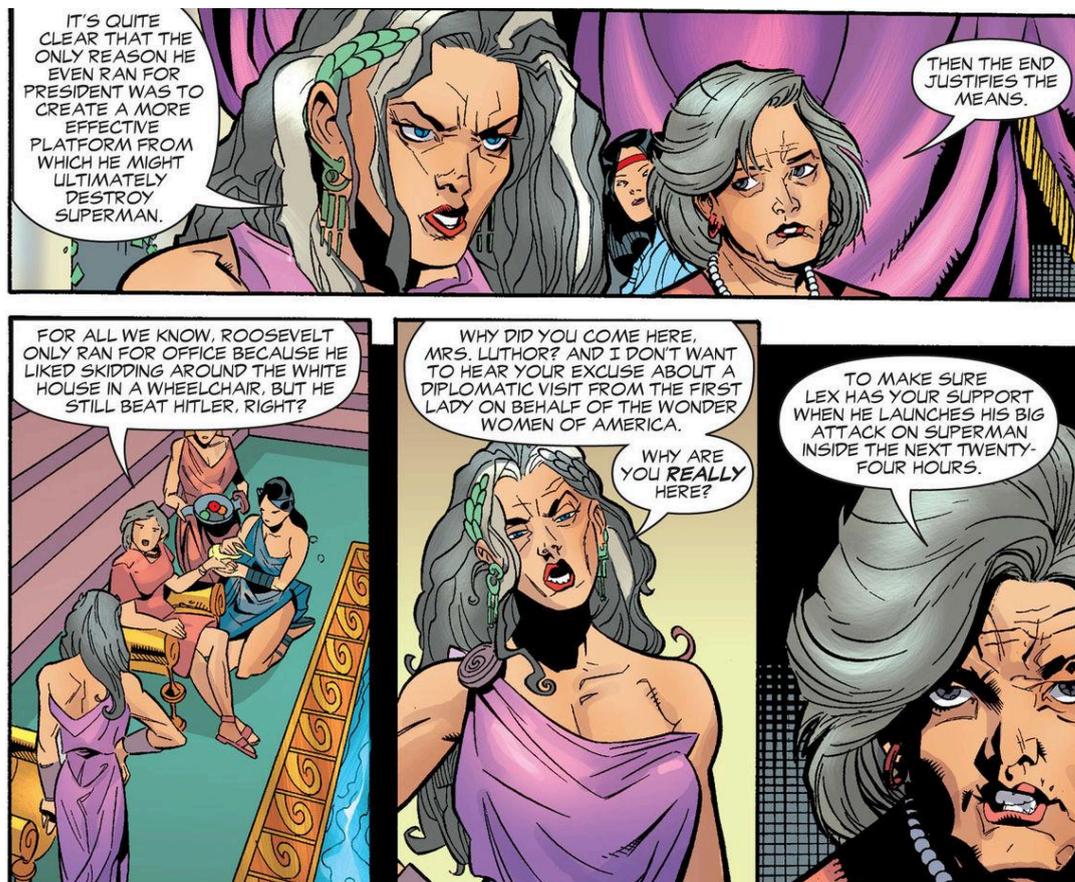
<sup>43</sup>Tradução minha: “Quase seis bilhões de cidadãos e quase ninguém reclamou. Mesmo em particular.”

cerebral. Isso mostra que o Super-Homem é completamente intolerante com ideias diferentes das suas, trazendo apenas representações depreciativas da União Soviética. Também vemos que foi adicionada fluoxetina na água para diminuir as taxas de suicídio, demonstrando um controle químico sobre as pessoas, ao invés de intervenções médicas e educativas sobre o problema do suicídio. Se repete a ideia que o controle, seja por medo, seja químico ou cirúrgico, ou mesmo o controle pela ignorância da população, é o único meio de atingir uma sociedade diferente da capitalista ocidental.

Páginas a frente, Luthor torna-se presidente dos Estados Unidos em 2001, e logo melhora a situação do país que vivia em guerra. Na página 113 Lois Luthor aparece preocupada com a possibilidade de Lex ser um demagogo, assim como o Super-Homem. A mulher com quem ela estava conversando, que estava animada com a chance de os EUA destruírem o Super-Homem e os soviéticos, diz que “pelo menos Lex Luthor é um demagogo que fala inglês”. Fica evidente a xenofobia presente na personagem, que parece representar a classe média estadunidense. Além disso, mostra a aliança entre países anglófonos, que advém da ideia de que a sociedade precisa ser levada à civilização pelos brancos, protestantes, anglo-saxões, ou seja, o Destino Manifesto. Essa personagem que prefere um demagogo que fale inglês, explicita a ideia de superioridade que o nacionalismo, principalmente o ultranacionalismo, prega.

Vemos também que Lex Luthor, agora presidente do último país não soviético (o Chile foi convenientemente esquecido, já que não agregava na narrativa de os estadunidenses serem o povo destinado a guiar a humanidade), continua com os planos de destruir o Super-Homem, mesmo com o Super-Homem não tendo invadido nem se aproximado disso nos últimos quarenta anos. É visível que a representação dos líderes estadunidenses os mostra mais preocupados com assuntos externos do que com assuntos de interesse da população.

Figura 15 – Diana e Lois Luthor.



Fonte: Millar *et al.*: 2004, detalhe p.119<sup>44</sup>

Na Figura 15 vemos Diana dizendo para Lois que Lex apenas concorreu à presidência para poder destruir o Super-Homem. Lois responde dizendo que os fins justificam os meios. Lois fala que Roosevelt só concorreu à presidência por gostar de brincar nas cadeiras de escritório, mas o importante é que Roosevelt derrotou Hitler. Fica clara a comparação do Super-Homem Soviético a Hitler, o que é algo comum da propaganda estadunidense anticomunista, colocar o stalinismo em pé de igualdade com o nazismo. O stalinismo, por exemplo, não tinha ideais de purificação de raça, portanto não atingia crianças

<sup>44</sup> Tradução minha: “É bastante claro que a única razão pela qual ele concorreu à presidência foi para criar uma plataforma mais eficaz a partir da qual ele pudesse destruir o Super-Homem.

Então o fim justifica os meios.

Pelo que sabemos, Roosevelt só concorreu ao cargo porque gostava de derrapar pela Casa Branca em uma cadeira de escritório, mas mesmo assim derrotou Hitler, certo?

Por que você veio aqui, Sra. Luthor? E não quero ouvir a sua desculpa sobre uma visita diplomática da primeira-dama em nome das Mulheres Maravilhas da América.

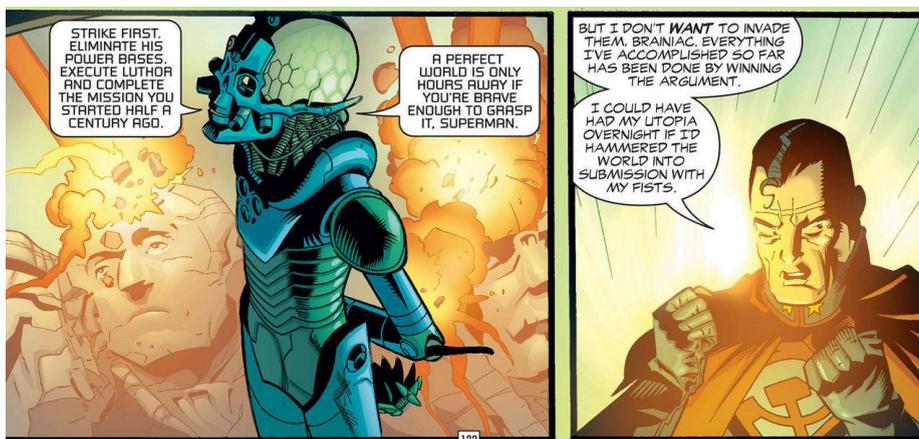
Por que você está **realmente** aqui?

Para garantir que Lex tenha seu apoio quando ele lançar seu grande ataque ao Super-Homem nas próximas vinte e quatro horas.”

e outras populações vulneráveis, como foi o caso do nazismo, que matou e fez experimentos com todos que fossem da minoria considerada inferior, como judeus e ciganos (Paxton, 2007, p. 349). Além disso, “Não houve em lugar nenhum uma contraparte [soviética] do Holocausto, em que o assassinato em massa se tornava não um instrumento mas um fim em si mesmo.” (Bullock, 1991, p. 974 *apud* Paxton, 2007, p. 349).

Para Lois é justificável que alguém concorra à presidência apenas pelo desejo de destruir alguém (que até então não fez nenhum ataque direto ou indireto a Luthor ou aos EUA). Isso relembra que nos EUA presidentes foram eleitos apenas por serem anticomunistas.<sup>45</sup>

Figura 16 – Brainiac e Super-Homem.



Fonte: Millar *et al*: 2004, detalhe p. 122<sup>46</sup>

Na página 122, Brainiac está tentando convencer o Super-Homem a atacar os Estados Unidos, pois esta nação agora representava uma ameaça a tudo que o Super-Homem havia conquistado. Na figura 16, detalhe da página 122, vemos Brainiac num ângulo autoritário, dizendo para o Super-Homem que ele deveria atacar primeiro. Ao fundo, o monumento aos Pais Fundadores está sendo bombardeado, como uma alusão à destruição dos Estados Unidos desde sua fundação. Enquanto isso, vemos um Super-Homem sob uma

<sup>45</sup> John F. Kennedy em 1960 (Hobsbawm, 1995, p. 234) e Reagan em 1980 (Hobsbawm, 1995, p. 245) são os mais conhecidos, além de Truman, que havia sido presidente em decorrência da morte de Roosevelt e acabou sendo “reeleito”.

<sup>46</sup>Tradução minha: “Ataque primeiro. Elimine suas bases de poder. Execute Luthor e complete a missão que você iniciou há meio século.

Um mundo perfeito está a apenas algumas horas de distância se você for corajoso o suficiente para compreendê-lo, Super-Homem.

Mas eu não **quero** invadi-los, Brainiac. Tudo o que conquistei até agora foi feito vencendo a discussão. Eu poderia ter tido minha utopia da noite para o dia se tivesse subjugado o mundo com meus punhos.”

perspectiva de humildade e heroicidade, não querendo ser violento. Novamente o uso das palavras perfeito e utopia para designar o mundo socialista. A utopia, como dito anteriormente, é uma inspiração, algo pelo qual se luta. O comunismo é uma eterna construção, pois é feita por humanos, que estão aptos ao erro.

Na página seguinte, Brainiac diz que os EUA são como um câncer, que ou é eliminado, ou destrói o resto do “corpo” (mundo). Ele está a ponto de convencer o Super-Homem, quando Luthor aparece, para iniciar seu ataque.

Na página 126 Brainiac prende Luthor e o impede de falar com o Super-Homem, por acreditar que Luthor seria capaz de levar o Super-Homem ao suicídio em 14 minutos. Brainiac se mostra cada vez mais rígido e autoritário, mostrando ao Super-Homem que ele só tinha duas opções: atacar ou ser destruído. O papel de Brainiac vai se tornando importante.

Figura 17 – Super-Homem desolado.



Fonte: Millar *et al*: 2004, detalhe p. 136<sup>47</sup>

Após uma batalha que envolveu as Amazonas, os Lanternas Verdes e outros personagens, o Super-Homem, na Figura 17, se vê de frente para a Casa Branca, onde Lois Luthor está à sua espera, com uma tentativa final de Lex para desestabilizar o Super-Homem. Lois está com uma carta que diz “Por que você simplesmente não põe o MUNDO inteiro

<sup>47</sup> Tradução minha: “**Oh meu Deus!** O que eu **fiz?** Tudo que eu queria era acabar com todas as **guerras** e com a **fome!** Eu só queria o **melhor** para todos, você tem que **acreditar** em mim... O que diabos havia nesta carta?”

numa GARRAFA, Super-Homem?”. Nisso o Super-Homem, como se tirado de um encanto, vai ao chão e começa a dizer que tudo que ele queria era o melhor para todo mundo. Agora quem está de joelhos não são os Estados Unidos, como disse Martha Kent na página 12, mas sim o líder soviético, que parece ter sido “iluminado” pelas palavras do excepcional estadunidense, Lex Luthor.

Na página 137, o Super-Homem diz para o Brainiac que é para eles irem para casa (não fica claro que casa seria essa, se seria fora dos EUA ou fora da Terra). Brainiac tenta convencer o Super-Homem que eles estão chegando na utopia, entretanto o Super-Homem diz “nós não nascemos aqui, não temos nenhum direito de interferir”. O local de nascimento, para Anderson (2008, p. 97), é definidor da nacionalidade e cidadania, mesmo em casos onde se compartilha elementos culturais.

Já na página 138 é descoberto que Brainiac não estava sob o comando do Super-Homem, e sim que Brainiac estava enganando o Super-Homem em prol de seus próprios planos. Nas páginas seguintes Super-Homem finge que morreu em uma explosão e Lex Luthor assume o comando do mundo com seus “Estados Unidos Global”. Lex Luthor junta ideias do Super-Homem com suas próprias ideias para criar um novo tipo de governo. Esses “Estados Unidos Global” são uma analogia à globalização ocorrida após a Guerra Fria, onde os EUA lideram as outras nações nos aspectos “econômico, tecnológico, cultural, até linguístico” (Hobsbawm, 2007, p. 28).

No final da história é descoberto que Luthor é um ancestral do Super-Homem e que a nave na qual o Super-Homem foi para a Ucrânia era uma nave vinda do futuro e não de outro planeta. Com isso, se fecha um ciclo de predestinação, já que o Super-Homem precisava ter ido para o passado para que o futuro acontecesse.

#### 4.1 RESULTADOS DA ANÁLISE

O objetivo inicial deste trabalho era apontar o anticomunismo presente na história em quadrinhos *Superman: Red Son* (2004), como já elucidado na introdução. Apesar de o objetivo geral ter se tornado a identificação do nacionalismo estadunidense existente na referida história em quadrinhos, o tema anticomunismo não foi totalmente excluído da proposta, já que, conforme Hobsbawm (1995, p. 232), o americanismo é praticamente o polo oposto do comunismo.

Para esse primeiro objetivo, foi necessário tratar como o discurso nacionalista se constrói nas diferentes sociedades e como a Indústria Cultural auxilia na propagação de ideologias, já que as histórias em quadrinhos são um meio de comunicação de massa.

Foi visto que a nação é uma recente invenção, não tendo data exata, mas coincidindo com a Revolução Francesa e seus ideais. Além disso, os meios de comunicação de massa e os aparelhos estatais (como a escola primária) são fundamentais na difusão do nacionalismo.

Sobre a Indústria Cultural, foi exposto que esta reforça normas sociais e é usada de maneira a alienar o indivíduo que consome a cultura de massa.

Outro objetivo foi o de elaborar uma breve revisão bibliográfica da História dos Estados Unidos. Com isso, se tinha em mente uma familiarização dos leitores com os conceitos de Destino Manifesto, Doutrina Truman e macartismo. Na revisão ficou explícito como o protestantismo e o capitalismo influenciam o pensamento e as políticas estadunidenses, desde a fundação dos EUA. O Destino Manifesto é uma doutrina messiânica, onde os brancos anglo-saxões e protestantes devem colonizar outros locais para civilizá-los. Já o macartismo e a Doutrina Truman buscavam eliminar o comunismo dentro e fora dos Estados Unidos.

O último objetivo foi o de ampliar os horizontes da pesquisa em história, utilizando histórias em quadrinhos como fonte histórica. O objetivo foi atingido na medida em que o trabalho foi feito, já que será possível expor os pensamentos artísticos do pós Guerra Fria através da fonte escolhida, levando em consideração a influência que o personagem principal tem no imaginário social.

Retomando o enredo da HQ, quando foi chegando o final da história, é visto que o Super-Homem foi iludido pelos ideais comunistas, como se o tempo todo ele não estivesse “enxergando a verdade”. No fim, quem estava realmente no poder era o Brainiac, esse sim um verdadeiro alienígena (ou seja, um estrangeiro). Ou seja, a ameaça externa a qual os EUA estão sempre preocupados, se concretizou. Nas últimas páginas descobrimos que o Super-Homem é um descendente de Lex Luthor, fazendo daquele um verdadeiro “americano”, logo, fica evidente que o Super-Homem, mesmo caindo na Ucrânia soviética, não seria comunista; ele estava apenas cego pela ideologia.

A figura do Super-Homem representa os ideais do americanismo, como se fosse intrínseco a ele. Logo, um Super-Homem completamente oposto a isso, ou seria um vilão ou iria se redimir ao final da história. A redenção mostra que o Super-Homem continua sendo um símbolo de esperança e segurança para os estadunidenses, e que os EUA venceriam a Guerra Fria em qualquer cenário, tornando-se hegemônicos.

A população russa e de outros aliados da URSS foi retratada como “grata” e subserviente ao controle do Super-Homem, enquanto os estadunidenses foram retratados como mais conscientes, a ponto de não se deixarem levar por ideais utópicos. Em nenhum momento os presidentes estadunidenses aparecem se reunindo com o Super-Homem (ou mesmo com Stalin) para negociar um acordo ou para aceitar a ajuda que o Super-Homem oferecia. A mensagem passada é de que o comunismo era pior do que as guerras e pessoas em situação de rua.

O retrato dos soviéticos como ou ignorantes e subservientes ou autoritários e imorais é uma forma de propaganda nacionalista, tendo em vista que o nacionalismo se fundamenta na diferenciação do “nós” e “eles”, e essa diferenciação costuma retratar “eles” de uma maneira negativa. Vemos isso presente principalmente no ultra nacionalismo fascista, como é possível averiguar na passagem a seguir:

Os mecanismos da política fascista apoiam-se uns nos outros, tecendo um mito de diferenciação entre “nós” e “eles”, com base num passado fictício romantizado, em que há “nós”, mas não “eles”, e num ressentimento em relação a uma elite liberal corrupta, que se apropria de nosso suado dinheiro e ameaça nossas tradições. “Eles” são criminosos preguiçosos com quem a liberdade seria desperdiçada (e que, de todo modo, não a merecem). “Eles” mascaram seus objetivos destrutivos com a linguagem do liberalismo, ou da “justiça social”, e estão destinados a destruir nossa cultura e tradições, fazendo com que “nós” nos tornemos fracos. “Nós” somos diligentes e cumpridores da lei, tendo conquistado nossas liberdades por meio do trabalho; “eles” são indolentes, perversos, corruptos e decadentes. A política fascista transita em delírios que criam esse tipo de falsas distinções entre “nós” e “eles”, independentemente de realidades óbvias (Stanley, 2018, p. 151).

Contudo, é importante lembrar que o americanismo não é um fascismo, e sim um nacionalismo liberal, pautado na democracia. O exemplo dado foi apenas para ilustrar o extremo do nacionalismo e da xenofobia.

O enredo, como dito por Moya *et al.* (1977, p. 238) necessita de um problema, um obstáculo à solução do problema, uma crise na tensão dramática, um apogeu e uma explicação. De acordo com a análise feita, o problema seria a própria existência do Super-Homem Soviético; a solução do problema seria destruir o Super-Homem; o obstáculo

para a solução seria o fato de o Super-Homem ser indestrutível; a tensão é criada ao redor das tentativas de destruir o Super-Homem; a crise na tensão acontece quando o Super-Homem se dá conta de suas atitudes autoritárias; o apogeu é o desaparecimento do Super-Homem na explosão; a explicação da história se dá no fato de o Super-Homem ser descendente de Lex Luthor.

Ainda restava a dúvida do por que fazer uma história tão engajada em uma temática anticomunista após o fim da União Soviética. Bernardo (2009, p. 7) nos traz uma luz à problemática:

Muito embora o fim da Guerra Fria representasse para os EUA sua vitória, com a consagração do “*american way of life*” como modelo hegemônico de sociedade, este representava também o fim de uma ordem bipolar que, por quase meio século, norteou processos de construção da identidade nacional.

Como dito anteriormente, a dicotomia entre nós e eles e entre bem e mal, são necessárias na manutenção do nacionalismo. Esse maniqueísmo se apresenta frequentemente em quadrinhos, onde é deixado claro para os leitores qual é o lado bom e qual é o lado mau.

Segundo Marx e Engels (2001, p. 48) a ideologia dominante é a ideologia da classe dominante. Os donos dos meios de produção das atividades artísticas, como as editoras, por exemplo, têm mecanismos para filtrar conteúdos que vão contra seus ideais; assim foi com o código de censura instituído em 1954 nos Estados Unidos, que proibia conteúdos pornográficos ou que tivessem concepções ambíguas do certo e do errado. Esse código de censura coincide com o período de caça às bruxas do macartismo, que estava perseguindo suspeitos de comunismo.

Entretanto, apesar de toda arte estar carregada de ideologia, não se pode dizer que a ideologia dominante será perfeitamente refletida numa obra de arte apenas por esta fazer parte da Indústria Cultural. É preciso pontuar onde se apresenta a ideologia dominante em cada obra de arte.

Na obra quadrinística *Superman: Red Son* é possível notar a propaganda pró-capitalista e pró-estadunidense. Entendendo que vivemos num mundo com uma nação dominante (desde o fim da Guerra Fria), e sabendo que esta nação possui as duas maiores

editoras de quadrinhos no mundo (DC e Marvel<sup>48</sup>), fica compreensível que a ideologia dominante nos quadrinhos é uma ideologia nacionalista estadunidense e capitalista.

## 5 CONCLUSÃO

Ao final da pesquisa foi possível verificar que, sim, as relações do pós Guerra Fria (globalização, virada neoliberal) influenciaram na propaganda nacionalista estadunidense presente na HQ *Superman: Red Son* (2004). Contudo, é necessário ressaltar que o nacionalismo presente na fonte não implica necessariamente em falsas visões da União Soviética; a escolha do autor em retratar apenas o período stalinista e uma versão muito próxima do stalinismo (sendo o Super-Homem sucessor/discípulo de Stalin) expressa uma decisão de apresentar a versão mais autoritária do socialismo soviético, trazendo mais aspectos negativos do que positivos dessa sociedade que revolucionou a maneira econômica e social de se viver. Houveram exageros na HQ, principalmente no quesito lavagem cerebral e na aceitação passiva da sociedade soviética ao controle estatal<sup>49</sup>. Como qualquer propaganda nacionalista, busca elevar o *status* de sua nação em detrimento de outras, usando de qualquer ferramenta disponível: verdade e mentira, apagamento dos pontos negativos de sua própria nação enquanto apaga os pontos positivos do inimigo externo, exagero e ênfase em seus próprios pontos positivos enquanto enfatiza e exagera nos pontos negativos da nação “inimiga”. Além disso, é possível ver no Lex Luthor a expressão do “excepcionalismo americano”, já que ele sozinho arquiteta um plano para derrotar um ser com inteligência superior à humana e consegue “derrotá-lo” apenas com o poder de suas palavras.

Concluindo, a indústria de quadrinhos, que hoje reflete em um ramo da indústria cinematográfica, precisa ser mais vezes analisada de uma perspectiva historiográfica, levando em conta a propagação de representações históricas para fins ideológicos/propagandísticos, que não levam em consideração a complexidade de eventos históricos. Enfatizo que os super-heróis são figuras que formam o imaginário nacional e que são exemplos para a juventude, com o senso crítico ainda em formação.

## REFERÊNCIAS

---

<sup>48</sup>ZANDT, Florian. **Marvel and DC Dominate The Comic Market**. 2023. Disponível em: <https://www.statista.com/chart/31022/revenue-share-of-comic-book-publishers-in-specialty-store-sales-worldwide/>. Acesso em: 24 maio 2024.

<sup>49</sup>É importante lembrar que a Revolução Russa foi uma revolução popular, a população russa não queria mais viver sob o jugo czarista, nem viver na extrema pobreza. Ver “A Revolução Mundial” em “A Era dos Extremos” de Hobsbawm.

**FONTE**

MILLAR, Mark *et al.* **Superman**: red son. New York: Dc Comics, 2004. 3 v.

**LIVROS**

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDREOTTI, Bruno Leonardo Ramos. **Verdade e Justiça**: americanismo e fascismo nas histórias do superman. 2023. 229 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2023.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Editora Ática, 1983.

BERNARDO, Thiago Monteiro. **Sob o Manto do morcego**: uma análise do imaginário da ameaça nos EUA da era reagan através do universo ficcional do Batman. 2009. 173 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

BIBE-LUYTEN, Sonia M.. **O que é História em Quadrinhos**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

DANIELS, Les. **Superman**: the complete history: the life and times of the man of steel. San Francisco: Chronicle Books, 1998.

DANNER, Alexander; MAZUR, Dan. **Quadrinhos**: história moderna de uma arte global. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

DOOLEY, Dennis; ENGLE, Gary D.. **Superman at Fifty**: the persistence of a legend. Cleveland: Octavia Press, 1987.

FERREIRA, Argemiro. **Caça às bruxas. Macartismo**: uma tragédia americana. Porto Alegre: L&PM, 1989.

FITZPATRICK, Sheila. **A Revolução Russa**. São Paulo: Todavia, 2017.

FITZPATRICK, Sheila. **Everyday Stalinism**: ordinary life in extraordinary times. soviet russia in the 1930s. New York: Oxford University Press, 1999.

HOBBSAWM, Eric J.. **Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric J.. **A Era dos Impérios**: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOBBSAWM, Eric J.. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

JUNQUEIRA, Mary Anne. **Estados Unidos**: a consolidação da nação. São Paulo: Contexto, 2001.

KARNAL, Leandro *et al.* **História dos Estados Unidos**: das origens ao século xxi. São Paulo: Contexto, 2007.

KRAKHECKE, Carlos André. **Representações da Guerra Fria nas Histórias em Quadrinhos Batman - O Cavaleiro das Trevas e Watchmen (1979-1987)**. 2009. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LIMONCIC, Flávio. **Estados Unidos no Século XX**. São Paulo: Contexto, 2024.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Guerra Civil dos Estados Unidos**. São Paulo: Boitempo, 2022.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Bauru: Edipro, 2011.

MOYA, Álvaro de. **História da História em Quadrinhos**. [S.L]: L&PM, [1987].

MOYA, Álvaro de *et al.* **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1977.

MUNHOZ, Sidnei José. **Guerra Fria**: história e historiografia. Curitiba: Appris, 2020.

NAPOLITANO, Marcos. **História Contemporânea**: vol.2 - do entreguerras à nova ordem mundial. São Paulo: Contexto, 2020.

NETTO, José Teixeira Coelho. **O que é Indústria Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

NEVINS, Allan; COMMAGER, Henry Steele. **Breve História dos Estados Unidos**. São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

PAXTON, Robert O.. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PERRY, Marvin. **Civilização Ocidental**: uma história concisa. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As revoluções russas e o socialismo soviético**. São Paulo: Unesp, 2003.

RÉMOND, René. **História dos Estados Unidos**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.

RYAN, David. Mapping Containment: The Cultural Construction of the Cold War. In: FIELD, Douglas. **American Cold War Culture**. Edinburgh: Editora Edinburgh University Press Ltd, 2014. p. 50-68.

SIQUEIRA, Carlos Eduardo *et al.* A globalização dos movimentos sociais: resposta social à globalização corporativa neoliberal. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S.L.], v. 8, n. 4, p. 847-858, jun. 2003. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232003000400002>.

STANLEY, Jason. **Como Funciona o Fascismo**: a política do "nós" e "eles". Porto Alegre: L&PM, 2018.

VAZQUEZ, Laura; PIRES, Conceição. Percursos teóricos e metodológicos dos estudos sobre HQs na Argentina e Brasil. In: RODRIGUES, Rogério Rosa (org.). **Possibilidades de Pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 137-170.

## **SITES**

Declaração da Independência dos Estados Unidos da América. Disponível em: [https://pt.wikisource.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o\\_da\\_Independ%C3%Aancia\\_dos\\_Estados\\_Unidos\\_da\\_Am%C3%A9rica](https://pt.wikisource.org/wiki/Declara%C3%A7%C3%A3o_da_Independ%C3%Aancia_dos_Estados_Unidos_da_Am%C3%A9rica). Acesso em: 21 abr. 2024.

LUNDEGAARD, Erik. **Truth, Justice and (Fill in the Blank)**. 2006. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2006/06/30/opinion/30lundegaard.html>. Acesso em: 04 jun. 2024.

MARANGONI, Adriano. **A História das Histórias em Quadrinhos: a era de ferro**. 2018. Disponível em: <https://quadrinheiros.com/2018/04/05/a-historia-das-historias-em-quadrinhos-a-era-de-ferro/>. Acesso em: 29 maio 2024.

MARK Millar. Wikipedia. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Mark\\_Millar](https://en.wikipedia.org/wiki/Mark_Millar). Acesso em: 17 jun. 2024.

NATO (org.). **NATO member countries**. Disponível em: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_52044.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_52044.htm). Acesso em: 10 abr. 2024.

NATO (org.). **The North Atlantic Treaty**. Disponível em: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/official\\_texts\\_17120.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_17120.htm). Acesso em: 10 abr. 2024.

RED Son. Entrevista com Mark Millar. Disponível em: <http://superman.nu/a/ges/redson/>. Acesso em: 16 jun. 2024.

RELAÇÕES entre Rússia e Ucrânia. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es\\_entre\\_R%C3%BAssia\\_e\\_Ucr%C3%A2nia](https://pt.wikipedia.org/wiki/Rela%C3%A7%C3%B5es_entre_R%C3%BAssia_e_Ucr%C3%A2nia). Acesso em: 06 jun. 2024.

The White House. **James Monroe**. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/about-the-white-house/presidents/james-monroe/>. Acesso em: 21 abr. 2024.

The White House. **Theodore Roosevelt**. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/about-the-white-house/presidents/theodore-roosevelt/>. Acesso em: 09 maio 2024.

YOUNIS, Steven. **Exclusive Mark Millar Interview**. 1999. Disponível em: [https://web.archive.org/web/20011121213043/https://www.supermanhomepage.com/comics/interviews/c-interview\\_millar.html](https://web.archive.org/web/20011121213043/https://www.supermanhomepage.com/comics/interviews/c-interview_millar.html). Acesso em: 01 nov. 2022.

ZANDT, Florian. **Marvel and DC Dominate The Comic Market**. 2023. Disponível em: <https://www.statista.com/chart/31022/revenue-share-of-comic-book-publishers-in-specialty-store-sales-worldwide/>. Acesso em: 24 maio 2024.